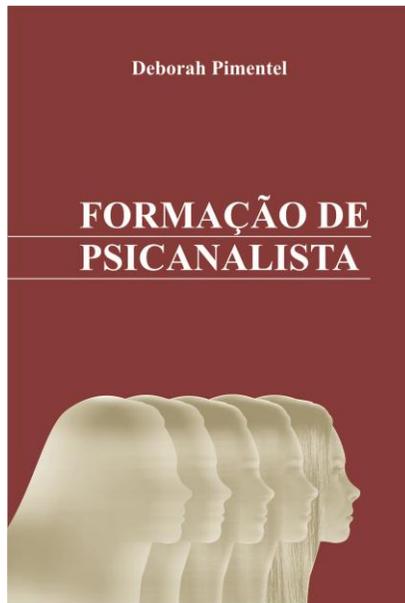


DÉBORAH PIMENTEL

Formação de Psicanalista



DÉBORAH PIMENTEL

Formação de Psicanalista

ARACAJU- SERGIPE

2004

Pimentel, Déborah

Psicanálise. Déborah Pimentel. Aracaju. Editora
CEFET-SE 2004.

92 p.

1. Psicanálise. 2. Formação. 3. Transmissão. 4.
Supervisão. I. Título.

CDU 159.964.2

Sumário

Prefácio.....	11
Introdução.....	15
Psicanálise: um século de sonhos	21
Psicanálise: formação ou ensino?.....	33
Quem sabe? – Um estudo sobre a transmissão.....	41
Transferência e ética: direção da cura	53
Caviar e psicanálise	63
O desafio da supervisão.....	71
Os impasses da supervisão	83
Últimas considerações: Laço social e mal estar	91

Préfacio

Carlos Perktold (*)

Desde quando Freud declarou que os inexplicáveis sintomas histéricos eram a realização de desejos inconscientes, a psicanálise se tornou o mais importante instrumento para lidar com os nossos vespeiros psíquicos. Ela literalmente mexeu com a psicologia, a medicina, a literatura, a pintura e o cinema, todos procurando fazer variações sobre a sinfonia postulada pelo velho bruxo vienense. Os conteúdos daqueles vespeiros no início do século 20 não são diferentes dos de hoje, exceto pela forma como agora se apresentam. A ética, a moral, os usos e costumes mudaram de forma significativa no mundo ocidental depois da Segunda Grande Guerra e com essas mudanças, aprendemos a deslocar os sintomas. Mas a natureza humana, núcleo desses conteúdos, continua a mesma, daí a imortalidade da criação de Freud. Este gênio criativo escreveu em 1896 um texto que ele chamou de “*Projeto para uma psicologia científica*” no qual percebemos um resumo, um sumário, uma espécie de índice daquilo que ele teorizaria ao longo da sua vida. Tal

como acontece na primeira sessão psicanalítica de certos clientes que trazem o resumo daquilo que será sua trajetória no consultório.

Pensando, escrevendo, clinicando, reescrevendo, observando, Freud postulou duas teorias de nosso funcionamento mental. Na primeira ele achava que os fenômenos psíquicos passavam pelo consciente, o pré-consciente e o inconsciente. Sem que nunca tivesse abandonado essa teoria, mais tarde ele a reformulou, substituindo-a pela hipótese da existência das três instâncias psíquicas, conhecidas como sua segunda tópica: Id, Ego e Superego. O Id representa as forças avassaladoras, herança de nosso primitivismo, local onde moram os desejos inconfessáveis e devastadores. À medida que nos desenvolvemos, registramos, através da linguagem, que há um mundo organizado antecedendo nossa existência. Algumas coisas são autorizadas, outras proibidas. São as imposições da vida com que o sujeito compreendendo ou aceitando ou não aceitando, constrói o seu Ego. É na forma da aceitação dessas imposições que formamos ao mesmo tempo a instância tirânica, o Superego. O Ego, aquilo que somos, é formado entre as

imposições do Id avassalador e o Superego controlador. Toda essa descrição pode ser resumida na célebre máxima de Freud *wo Es war soll ich werden* que, mal traduzida, tornou-se: “onde havia o Id há de se tornar o Ego”. Ocorre que o verbo *sollen* é inexistente na língua de Camões e, pela singeleza da tradução malfeita, pode-se imaginar que o Ego surgirá como um padrão globalizado e independente de quaisquer forças. Ele é o resultado do conflito entre o Id e o Superego e da forma como solucionamos esse conflito. *Sollen*, na língua de Goethe, significa que alguma coisa será permitida e poderá ser realizada desde que um terceiro, o Superego, subentendido na frase de Freud, consinta e nas condições que ele determinar. Portanto, a tradução mais correta, salvo melhor juízo, da assertiva freudiana é “onde havia o Id, nascerá o Ego e este será constituído da forma como o Superego permitir e determinar”.

No decorrer de sua criação, Freud foi se dando conta das dificuldades inerentes ao ser humano. Achava que buscamos o prazer e evitamos o desprazer, afirmativa que ele também modificou, sem abandoná-la, quando descobriu a pulsão de morte que nos conduz à inércia.

Morte não tem o sentido literal, mas aquele da trágica repetição humana que nos conduz à inércia. Homem vivido, médico e psicanalista experiente, judeu perseguido pelo nazismo, doente por vários anos e certo de que sua criação passaria por novas leituras, Freud se sentiu autorizado a afirmar que educar, governar e ser psicanalista são atividades impossíveis. É possível que seja um exagero do mestre. Cada par parental sabe da dificuldade de educar, sobretudo se levarmos em consideração as dificuldades financeiras e as imposições desejanças empurradas pela *mídia* aos nossos filhos adolescentes. Mas, capengando vamos construindo um mundo diferente daquele do passado. Os políticos poderão melhorar a segunda atividade quando descobrirem os sentimentos de empatia e humanismo e com eles incorporados naquela classe, substituiremos o capengar por andar, andar depressa ou correr.

Quanto à terceira, se o leitor está interessado em se tornar psicanalista, deve recorrer aos ensinamentos de Déborah Pimentel contido neste volume. Nele descobrirá que a teoria freudiana tem uma semelhança com o aprendizado da arte: ninguém ensina, mas algumas pessoas

aprendem. Este volume é constituído de ensaios nos quais ela explica que o estudar psicanalítico está apoiado num tripé: o primeiro é a fundamental e imprescindível análise pessoal. Esta será a procura das respostas àquilo que, estando dentro de nós, desconhecemos. O segundo é a busca daquilo que está fora de nós e queremos saber, a teoria. E por último há a supervisão analítico-teórica, a mistura das duas anteriores através da análise das sessões de um analisando do candidato com um analista mais experiente, para a descoberta dos nossos conflitos inconsciente e que corremos o risco de projetar no cliente. Não são tarefas fáceis. Talvez seja pela dificuldade desse percurso que Freud tenha colocado sua criação na lista de impossibilidades da vida. Mas dificuldade não é sinônimo de impossibilidade. E isso o leitor descobrirá através das explicações que Déborah Pimentel fornece neste volume, bem como as formas exigidas para construção dessas três bases sem as quais não há psicanalista.

Asseguro que há ainda dois outros elementos amarrando esse tripé: o talento e o desejo. Se nas artes em geral o talento é o tempero determinante do que é artística ou não, ao analista do candidato e a ele próprio, caberão

descobrir se ele o tem e se há no candidato a vontade de seguir o caminho freudiano: o desejo de se tornar analista. O talento para sê-lo é constituído pela forma como se descobre, se pensa e se explica o próprio sintoma; a descoberta do outro, a separação do que é dele e do que é nosso, a capacidade empática e a aplicação desse aprendizado frente à vida. O desejo envolve toda descrição acima, como se fosse um novo lugar no qual possamos subir para “seguir as estrelas”, etimologia da palavra desejo. Dali, saberemos se há uma delas nos chamando para ser psicanalista.

O candidato descobrirá ainda que há locais onde tudo isso acontece: o consultório do analista nas suas sessões e a maneira como leva consigo tudo que descobriu e aprendeu nelas. Há ainda a forma de se colocar no mundo e como se evitou que as descobertas associativas funcionassem como um par de óculos que, ao entrar no consultório, o colocamos e ao sair, o retiramos. Há ainda as instituições psicanalíticas nas quais, habitualmente, a teoria é transmitida. Nestas, certifique-se que procurará aquela cujo retorno teórico representa parte do seu desejo. Essa escolha facilitará o aprendizado. Déborah Pimentel

relata ainda, sem hipocrisia, a questão do dinheiro no consultório psicanalítico: o que é, o que significa e o que pode e deve ser interpretado no *setting* analítico. Percorridos esses passos o candidato pode se autorizar.

Parabéns a Déborah Pimentel pelos seus 15 anos de atividade psicanalítica. Parabéns para Sergipe por ter na sua história a guerreira intelectual que ela é.

(*) Carlos Perktold é psicanalista em Belo Horizonte. Integra o Círculo Psicanalítico de Minas Gerais e a Associação Brasileira de Críticos de Arte-ABCA. É editor das revistas *Estudos de Psicanálise* do Círculo Brasileiro de Psicanálise e *Reverso*, do CPMG.

Introdução

No meu último ano de graduação do curso de Medicina da Universidade Federal de Sergipe, decidi sair de Aracaju e fui morar em Salvador, onde fiz o internato, e com o objetivo específico de fazer análise e formação psicanalítica. Lembro-me que quem me deu as primeiras informações sobre o Círculo Psicanalítico da Bahia, foi a colega, Arlúcia Fauth, nos corredores da Ala 3B, do Hospital Prof. Edgard Santos, e que era analisanda de Adilson Peixoto Sampaio. Sim, o próprio, aquele que viria a ser o meu psicanalista, por quase uma década inteira, em três encontros semanais. Que saudades!

Fui ao seu consultório, na Rua João das Botas, e solicitei à sua secretária, uma consulta. Achei esquisito o fato dela não ter agendado uma data, mas apenas registrar o meu nome com o meu número de contato. Creio que devo ter esperado cerca de um mês. Até duvidava que

aquela moça tivesse passado meus dados para ele. E, qual surpresa, uma voz masculina ao telefone, identificava-se como o próprio Adilson Sampaio. Esta emoção, lembro perfeitamente, quase como se ela se reproduzisse diante do gatilho da memória, e com todos os efeitos sobre o meu corpo: eu era capaz de ouvir o meu próprio coração, que em uma corrida louca, tal qual a que ele me impôs, apressava-se para um encontro que ele marcara dali a poucas horas. Enquanto para lá eu me dirigia, pensava que os astros haviam conspirado naquele dia ao meu favor, por Adilson ter me ligado justo no momento que eu estava em casa, como se esperando aquela ligação. Sentia-me uma garota de sorte.

Na primeira entrevista eu afiançei para ele que eu era a pessoa mais feliz do mundo e que não tinha nenhum problema: estava ali porque queria ser psicanalista. E só. Levei um bom tempo ainda acreditando naquilo. Desmontei. Adilson acompanhou os meus piores e melhores momentos: as perdas e as conquistas. Foram muitas, ambas. Era desconcertante para mim, confesso que ainda sinto uma certa estranheza, ter alguém tão íntimo e

Formação de Psicanalista

tão distante ao mesmo tempo. Inúmeras vezes, senti uma vontade enorme de lhe dizer do meu afeto. Era meu pai, que eu amo tanto, outra vez. Tudo que eu não tinha coragem, apesar da vontade, de dizer para meu pai, e da liberdade que eu supunha ter com este, tinha um destino certo: Adilson.

Meu Deus, que gratidão imensa !...

A formação? Ah, tá! Eu o procurei por isso, ou pelo menos acreditava que era por isso. Ele próprio, muitos anos depois, em alguns seminários que tive o privilégio de participar, seminários brilhantes e inesquecíveis, costumava dizer que ninguém escolhe ser psicanalista por acaso e hoje eu acrescentaria que, nem tampouco fica impune à sua escolha: paga-se por ela.

A minha formação só iniciou-se uns dois anos depois, ou mais, não lembro bem. Por um bom tempo eu esqueci dela e só fui convidada a participar de uma seleção de candidatos, muito tempo depois, graças a Deus, e em um momento em que eu, de fato, sentia na própria pele, os efeitos e a importância de uma análise pessoal.

O Círculo Psicanalítico de Sergipe (CPS) nasceu em uma entrevista de seleção que me submeti para fazer a formação psicanalítica no Círculo Psicanalítico da Bahia. Carlos Pinto foi o grande fomentador da idéia, naquela entrevista, falando sobre a fundação da primeira instituição de psicanálise na Bahia, que ele criara em 5 de julho de 1971 e soprando inspiração para que surgisse, anos depois, o Círculo Psicanalítico de Sergipe (CPS).

A idéia foi trabalhada por mim, anos a fio na minha análise pessoal com Adilson e posteriormente alimentada, constantemente, nas supervisões com Carlos.

Decidi voltar a viver em Aracaju e no dia 18 de março de 1988 abri meu consultório de psicanalista autorizada na cidade. Naquele consultório, se instalava embrionariamente o CPS. Naquela ocasião eu era também membro da diretoria do Círculo Psicanalítico da Bahia, cuja presidência era de Celso Vilas Boas.

Um ano depois Edméa Oliva Costa, que também fizera formação psicanalítica no Círculo Psicanalítico da Bahia e que foi analisanda de Luiz Fernando Pinto, estava autorizada e também voltando para Aracaju. Graças ao

Formação de Psicanalista

nosso desejo e soma de esforços para sua realização, apoiadas por Adilson Sampaio e Carlos Pinto Corrêa e com a subscrição de Celso Vilas Boas, Marli Piva e Eny Iglesias, todos psicanalistas do Círculo Psicanalítico da Bahia, que assinaram conjuntamente a ata de fundação, nasceu o CPS no dia 27 de julho de 1989.

A nossa proposta, desde então, é de um estudo da psicanálise que privilegia Freud e todas as grandes contribuições dos autores pós-freudianos.

Em 8 de setembro de 1990 durante o VIII Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise e I Fórum Brasileiro de Psicanálise, o 11º presidente do CBP era Johannes Hubertus Dousi (CPMG) e eu compunha a diretoria nacional com Marcos Baggio, Clóvis Bicalho, Luiz Viegas e Eliana Mendes. Naquela ocasião, o CPS foi reconhecido como a mais nova unidade do Círculo Brasileiro de Psicanálise e membro da International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS). Era a consolidação do trabalho que eu e Edméa fazíamos.

De lá para cá, muitos eventos psicanalíticos realizamos, muitos convidados recebemos na nossa casa,

oferecemos não só ricas discussões científicas, com produções escritas, mas também criamos a Clínica Social em uma atitude inédita naquela ocasião, de oferecermos nosso trabalho terapêutico para a comunidade estudantil carente oriunda dos cursos de psicologia e medicina, em convênio firmado com a Universidade Federal de Sergipe. O atendimento na Clínica Social do CPS é obrigatório aos candidatos em formação, sob a supervisão de analistas da Instituição, e representa um momento de prática do fazer analítico. Esta é uma maneira que a nossa instituição têm de oferecer à comunidade um feedback do nosso esforço e simultaneamente fazemos um investimento na formação de novos psicanalistas.

Hoje, 15 anos depois da fundação, consolidamos o nosso papel e ratificamos nossa responsabilidade com a transmissão e formação de psicanalistas. O CPS será sempre um fórum, espaço aberto para debates, sabendo acolher as diferenças produzidas no discurso contemporâneo e na interlocução com outros campos do saber. A chegada de novos membros-candidatos sempre

Formação de Psicanalista

nos desafia e nos estimula na missão de uma formação, que uma vez inacabada, permanente sempre será.

Com 15 anos de idade, uma instituição já tem história. E a história da psicanálise em Sergipe confunde-se com a história do CPS, com a minha história, com a história de Edméa ou ainda com a história de Alba Abreu, psicanalista lacaniana que aqui se estabeleceu, um ano antes de nós e fundou o Projeto Freudiano.

Como forma de comemorar estes 15 anos do CPS e os meus 21 anos de medicina, decidi pinçar, entre os muitos trabalhos que produzi neste período, aqueles que abordassem a questão da transmissão da psicanálise, da formação psicanalítica, da técnica, da supervisão e da ética, como critérios de inclusão nesta coletânea que, corajosamente, lhes apresento. Falo em coragem, porque as idéias aqui contidas não são originais, por vezes, são formuladas de forma até ingênua ou óbvia demais, mas que representavam, e continuam representando, preocupações de quem se sentia só, sem analista e sem supervisor por perto, e com uma grande responsabilidade frente aos candidatos à formação psicanalítica. A saída era a escrita.

Foi interessante perceber na releitura destes textos, com o objetivo de selecioná-los para esta publicação, que apesar de um tempo mais longo entre a data que alguns artigos foram escritos e a sua publicação hoje, nesta coletânea, os temas permanecem atuais, inclusive os que dizem respeito às ameaças de regulamentação da profissão de psicanalista, tema atualmente amplamente discutido pela *Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras*, que tem o Círculo Brasileiro de Psicanálise, como uma das lideranças, em um movimento nacional de resistência.

Há uma banalização do termo psicanálise nos tempos atuais. A sua prática, muitas vezes, é lançada levianamente, em um imenso caldeirão das múltiplas ofertas psicoterápicas e pseudo-formações, onde o cliente, ou mesmo um candidato, não sabe distinguir o joio do trigo, frente a uma grande fragmentação teórico-metodológica, com uma infinidade de correntes teóricas e ofertas sedutoras.

Um analista se funda na sua própria análise e por isso mesmo a sua formação se distancia daquelas que oferecem titulações ou garantias. Com 15 anos de história,

Formação de Psicanalista

o CPS é fiel aos princípios da transmissão da psicanálise, honrando o eixo ético de sustentação da formação de candidatos e o seu caráter permanente: análise pessoal, teoria da psicanálise e supervisão clínica.

As minhas inquietações ganham aqui, estatuto de reedição, pela minha compulsão a repetição.

Déborah Pimentel

PSICANÁLISE: UM SÉCULO DE SONHOS¹

Somos feitos da matéria dos sonhos

William

*Die Traumdeutung*² é o título do livro de Freud publicado em novembro de 1899, mas datado de 1900 pelo seu editor. Trata-se de um livro espetacular, no qual o autor usou, a título de ilustração, 223 sonhos, dos quais 47 são seus, revelando muitos detalhes de sua privacidade, mais significativos do que os apontados na sua autobiografia. É um texto em que Freud é simultaneamente o sonhador, o intérprete, o teórico e o narrador.

O biógrafo Peter Gay considera *A interpretação dos sonhos* uma autobiografia ingênua e distorcida ou disfarçada, ao mesmo tempo instigante pelo que revela

¹ Artigo publicado na Revista Estudos de Psicanálise, n. 23, set., 2000, p 72-78.

² FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900). In: Ed. Standard Brasileira, v. 4 e 5. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

tanto quanto pelo que omite³. Freud estava também decidido a não permitir que a via para o conhecimento psicanalítico ficasse contaminada com material de analisados histéricos ou obsessivos e, por conta disso, fez uma seleção rigorosa dos sonhos apresentados, recorrendo aos sonhos dos próprios filhos, parentes e amigos, sonhos relatados na literatura e seus próprios sonhos. Como disse ele no prefácio da primeira edição, tratava-se de sonhos de pessoas normais, uma vez que os sonhos de neuróticos clássicos apresentam características específicas, que podem afetar seu caráter representativo e comprometer a aplicação geral de sua teoria⁴.

Há mais de cem anos, em julho de 1895, Freud estava em um pequeno castelo em Bellevue, na floresta vienense, quando teve um sonho: sua paciente Irma estava numa festa na casa dele e sentia dor de garganta. Junto com um colega, Freud aplicou-lhe uma injeção. Este é o famoso “*Sonho da injeção de Irma*”. A partir disso, com sua interpretação, Freud levantou o primeiro alicerce da

³ GAY P. *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.190-110.

⁴ GAY P. *op.cit.*, p.121.

Formação de Psicanalista

psicanálise: os sonhos são realizações de desejos, ainda que disfarçados. E assim, desde aquele 24 de julho de 1895, os sonhos passaram a ser vistos em uma condição mais utilitária, servindo, como disse Carlos Pinto Corrêa, *“para serem interpretados, para conhecimento e desespero dos pacientes e o gozo infinito dos psicanalistas”*⁵.

Em carta a Fliess, no dia 12 de junho de 1900, Freud escreveu comemorando aquela interpretação do seu sonho, de cinco anos antes, dizendo que haveria um dia em que se veria uma placa de mármore naquela sua antiga casa com a inscrição: *“Foi nesta casa que em 24 de julho de 1895, o mistério do sonho foi revelado ao doutor Freud”*⁶. No prefácio à terceira edição inglesa, Freud escreveu o seguinte: *“Esta obra contém a mais valiosa de todas as descobertas que tive a felicidade de fazer. Compreensão dessa espécie só corre uma vez na vida”*. Essa última declaração, trinta anos depois da primeira

⁵ CORRÊA, C. P. “Sonhos compartilhados”, Trabalho apresentado na III Jornada do Círculo Psicanalítico de Sergipe, Aracaju, 2 de julho de 1993.

⁶ FREUD, S. (1887-1904). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Ed. I. Masson. Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 418.

edição, que em seis meses vendeu apenas 351 exemplares, era uma espécie de desabafo, ainda que tardio, pois a princípio *A interpretação dos sonhos* foi muito mal recebida pelos psiquiatras e pela crítica e só a partir de 1909 é que sua obra começou de fato a ser difundida e compartilhada.

Na realidade, o interesse de Freud pelos seus próprios sonhos é apontado em uma carta que escreveu à sua noiva Martha, em 19 de julho de 1883, na qual ele faz referência a um caderno de anotações pessoais sobre sonhos, baseando-se em suas experiências, em que certamente os sonhos deveriam significar algo mais que o conteúdo revelado. Algum tempo depois, ele anuncia a Josef Breuer que sabia interpretar sonhos, fazendo alusão às associações livres de seus pacientes.

Em 16 de maio de 1897 escreveu a Fliess: *“Tudo borbulha e fermenta dentro de mim e estou apenas à espera de novos impulsos (...) tenho-me sentido obrigado a*

Formação de Psicanalista

trabalhar na questão dos sonhos; ali me sinto muito seguro, ainda mais que você me incentiva”⁷.

O ano anterior, 1896, fora marcado pela morte de seu pai, Jacob Freud, e ele dissera que o tema da morte do pai e as lembranças ligadas a ele eram fontes de sonhos e que a *Die Traumdeutung* era um trabalho para reagir à dor.

O projeto inicial do livro sobre os sonhos englobava toda uma psicologia das neuroses, haja vista, aos poucos, a teoria dos sonhos como realização dos desejos inconscientes ter sido estendida à elaboração das fantasias e à formação desse sintomas.

Em 21 de setembro de 1897⁸, Freud, em carta a Fliess, dizia que não mais acreditava em sua neurótica, mas que *“nesse desmoronamento geral só a psicologia permanece intacta”*. Acrescenta ainda que *“... o sonho certamente conserva seu valor e tenho um apreço cada vez maior por meus primórdios na metapsicologia. Que pena*

⁷ FREUD, S. (1887-1904).). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Ed. I. Masson. Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 244.

⁸ FREUD, S. (1887-1904). Op. cit. p. 265-7.

que a interpretação dos sonhos não baste para se ganhar a vida”.

Só um pouco mais adiante, Freud baseado no seu próprio sentimento por D. Amália, sua mãe, registra a universalidade do mito edípico, realização, tal qual no sonho, de desejos infantis inconscientes.

Em 1898, a primeira versão do livro *Die Traumdeutung* estava pronta para, em seguida, ser abandonada; Freud diz em carta a Fliess, no dia 23 de outubro⁹, que o livro havia sido posto, irremediavelmente, de lado, pois lhe faltava estímulo para publicação, além de lacunas que eram obstáculos a uma conclusão.

No início do ano seguinte, 3 de janeiro de 1899¹⁰, Freud se sentiu estimulado e disse a Fliess, em carta, que *“... cintila uma luz e certamente surgirá alguma coisa nos próximos dias (...) o esquema do sonho pode ter uma utilização muito geral (...) a chave da histeria está realmente incluída no sonho”.*

⁹ FREUD, S. (1887-1904).). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Ed. I. Masson. Rio de Janeiro: Imago, 1986. p. 333.

¹⁰ FREUD, S. (1887-1904). Op. cit. 339.

Formação de Psicanalista

Em 11 de setembro de 1899, o manuscrito estava pronto, dia 20 de outubro foi impresso e no dia 4 de novembro de 1899 estava sendo posto à venda com data de 1900. Não era por mero acaso que a *Die Traumdeutung* era o primeiro dos 23 livros publicados de Freud, mais tarde traduzidos em cerca de mais de trinta línguas. Aquele homem nascido em Freiberg, na Morávia (República Tcheca), em 6 de maio de 1856, que recebera educação judaica não tradicional e aberta à filosofia do iluminismo, marcava irremediavelmente a história da humanidade com um texto considerado fundamental à teoria psicanalítica, e que sem ele era impossível avançar nos estudos das psiconeuroses.

Cem anos de *Die Traumdeutung*, obra que mudou a paisagem psicológica e cultural do mundo moderno (1899), 53 anos após o primeiro computador (1946), trinta anos após o homem ter conquistado a lua (1969), 26 anos após o último filme revolucionário *O Último Tango em Paris* (1973), dez anos após a morte de um grande ídolo popular no Brasil, Cazuza, o primeiro a admitir ser vítima da AIDS (1989), quatro anos após a popularização da Internet (1995), dois anos após a clonagem do primeiro

mamífero a ovelha Dolly (1997), um ano após o revolucionário Viagra (1998), o que resta da psicanálise?

Será que essa tecnologia de ponta não daria ao sujeito da “*geração apertado botão*” uma ilusória sensação de completude, alargando o campo do imaginário e reduzindo, por conseguinte, sua capacidade de simbolizar?¹¹

A conquista de novas sensações por meio da realidade virtual oferecida pelo computador, em que você pode inclusive se ver projetado na tela e ao mesmo tempo se assistir realizando sonhos que vive acordado, comandando o *mouse*, é algo no mínimo assustador. O filme *Matrix* (1999), recentemente lançado com sucesso absoluto de bilheteria no mundo inteiro, ilustra bem essa situação.

Será que o inconsciente de hoje, com todas essas mudanças sociais, científicas, tecnológicas, culturais, é o mesmo de cem anos atrás, é o mesmo inconsciente de Freud que estruturou a psicanálise?

¹¹ Silva, S. F. F. Psicanálise e futuro. *Reverso*, n. 40, p. 9-10, nov. 1995.

Formação de Psicanalista

O homem da linguagem, ao fazer o seu salto da natureza para a cultura, conquistou a capacidade de simbolizar, e se reconhece como ser de falta. A linguagem, longe de ser o lugar transparente da verdade, é o lugar do ocultamento. A psicanálise busca a verdade do desejo que o discurso oculta. Com as últimas conquistas da humanidade, os desejos do homem são tratados como necessidades que se satisfazem em cada avanço tecnológico e/ou científico, criando ilusões de completude e bem estar¹². Importante frisar que as necessidades são criadas inclusive pela mídia: *“você só é perfeito e reconhecido cidadão do mundo se for detentor de um supertelefone celular que tem alcance internacional”*. Desejos inconscientes acabam sendo substituídos pelas novas exigências de consumo que promove demandas de identificação. É a tal globalização, em que as pessoas consomem os mesmos produtos, bebem o mesmo refrigerante, comem o mesmo sanduíche, vestem-se com o mesmo velho e surrado *blue jeans*, ouvem as mesmas músicas e assistem simultaneamente aos mesmos filmes

¹² Silva, S. F. F. . Psicanálise e futuro. Reverso, n. 40, p. 10-1, nov. 1995.

lançados no mundo inteiro. O sujeito perde sua identidade e o seu desejo é confundido com o desejo do outro, da Rede Globo, por exemplo, que massifica o desejo, eliminando as diferenças: todos ficam iguais, alienados ao “*quarto poder*”, o da mídia, que é grande formadora de opinião e, poder-se-ia dizer, de nossa subjetividade também.

O divã, peça de antiquário com cem anos, resistirá ao terceiro milênio?

A verdade é que nossa clínica não é formada por clientes que trazem queixas das neuroses clássicas de cem anos atrás, momento em que se vivia uma repressão moral e sexual. As manifestações da neurose nos dias atuais se caracterizam por um mal-estar difuso, um sentimento de esvaziamento interior, as coisas não têm um sentido e o sujeito vive sem um projeto maior de vida. Vive-se um momento de imensa apatia.

Por dificuldades em conviver com a castração em uma sociedade na qual o imaginário é predominante, o sujeito da pós-modernidade é extremamente narcísico. As grandes instituições, Igreja, Família, Estado, vivem um

Formação de Psicanalista

momento crítico e de franco descrédito, com seus valores sendo questionados e fortemente criticados, o que compromete de alguma sorte esse sujeito pela falência da função paterna.

As pessoas tornam-se individualistas, isolam-se, passam horas diante do computador, por exemplo, pois a velocidade dos novos tempos e a desgovernada busca pela felicidade geram a ilusão de que os progressos da ciência desenvolverão a harmonia perdida e o mundo maravilhoso da internet parece suprir o que lhes falta, oferecendo megafacilidades e favorecendo relacionamentos *on line*, que por serem virtuais não carecem de compromissos afetivos, que são ameaçadores.

Com uma sociedade cada vez mais permissiva, a música é sensual, a letra é provocante, a coreografia imita o ato sexual e os namoros são substituídos pelo “ficar”, uma forma *light* de relacionamento, sem comprometer-se com o amanhã.

Temo que o saber da psicanálise não dê conta da violência contra o sujeito como ser desejanter, criada pela tecnologia e pela mídia, e temo ainda as concessões

técnicas e éticas que, creio, ameaçam o futuro da psicanálise, ao se constatar, por exemplo, a oferta da psicanálise via Internet, desacreditando a prática, que acaba sendo confundida com outras terapias que visam simples supressão dos sintomas ou, ainda, a conjugação da psicanálise com tarô ou mapa astral, banalizando os cem anos da nossa prática.

O cliente da virada do milênio é aquele sujeito entediado com absolutamente tudo, que não se estimula e nem se sente desafiado no seu dia a dia, com oscilação de humor, uma busca intensa do prazer e de emoções, sem se entregar a nenhuma paixão. Não sabe o que quer, com um vazio enorme no lugar da demanda, no lugar da falta, sofre de um mal-estar difuso, não raro com sintomas da síndrome do pânico, que não deixa de ser uma variante da velha centenária neurose de angústia freudiana, ou ainda sofre de fenômenos psicossomáticos, que também dizem respeito à falência da metáfora paterna.

Existe uma grande proliferação de doutrinas e procedimento psicoterápicos, contabilizando-se mais de quinhentas práticas diferentes. Simultaneamente ao *boom*

Formação de Psicanalista

da era dos megabites há um verdadeiro fascínio pelo autoconhecimento e essa superoferta de serviços confunde o sujeito diante das inúmeras opções, inclusive de auto ajuda. Certamente, a escolha recairá sobre um método hedonístico (prazeroso, excitante), rápido, simples e barato, ou seja, distante da senhora centenária dona psicanálise¹³. Por outro lado, na nossa capital, Aracaju, por exemplo, com menos de seiscentos mil habitantes, temos três faculdades de psicologia, o que significa uma explosão de psicoterapeutas, que resultará em breve em um grande exército que acabará se orientando para as terapias modernas, cujos processos de formação são breves e acessíveis economicamente, e proliferando grupos de estudos, inclusive de psicanálise, sem qualquer mecanismos de “*controle profissional*”, por mais incomodo que este provoque.

Os rituais religiosos na virada do milênio também voltaram ao modismo, inclusive, para proteção, pelas superstições, baseadas nas grandes premonições de fim de mundo na aurora do ano 2000. Assim sendo, os cultos de

¹³ BAREMBLITT, G. Dinossauros, gatos-pardos e novas espécies. Reverso n. 40, p. 45-6, nov. 1995.

magia negra, espiritismo, cultos orientais, africanos, quiromancia, pirâmides e cristais, florais de Bach, cultos evangélicos e católicos, são todas formas de tentar equilibrar o perfil psíquico do homem pós-moderno e o seu neonarcisismo, e que poderiam ser candidatas ao nosso divã, mas que se desviam para outras práticas compensatórias da angústia, depressão ou de qualquer outro sintoma que promovia, há cem anos, a busca da assistência psicanalítica.

O grande fantasma da pós-modernidade permanece o mesmo, não há cem anos, mais há milhares e milhares de anos, desde quando o homem surgiu: a morte. E apesar dos grandes avanços tecnológicos e científicos, a cada novo progresso surge um novo desafio, mais ameaçador e terrífico do que os anteriores: HIV, bactéria assassina, Ebola, são males que sofrem mutações constantes, que os tornam cada vez mais resistentes às drogas existentes e recém descobertas.

A constante ameaça da morte sempre nos remetendo à castração, lugar de confronto com o real, nos dá a dimensão da falta que nos mobiliza em direção ao

Formação de Psicanalista

desafio e à criação. A teoria psicanalítica torna-se cada vez mais forte, apesar das vicissitudes e desafios da clínica, inclusive por essa cultura capitalista e grande consumidora, diante do crescente imaginário social que só encontra paralelo na clínica do narcisismo. É preciso resgatar a posição de inquietude e quebra de certezas, pois só aí se pode retomar o rumo da psicanálise traçado por Freud. Permitir a interlocução da psicanálise com outros saberes é outra forma de não permitir o seu isolamento narcísico e mantê-la viva no novo milênio que se avizinha.

Serge Cottet, em uma entrevista à revista *Isto É*¹⁴, afirmou que o desenvolvimento das neurociências em nada irá melhorar a relação dos homens com as mulheres, não aliviará o sujeito do medo do fantasma sexual, não resolverá o enigma que é ser pai para seus filhos e nem trará nenhuma contribuição nova acerca do gozo feminino. No máximo, as neurociência aliviarão o sujeito do peso dos seus conflitos, anestesiando-o. Quanto à psicanálise, ela se recusa a tamponar a brecha que existe entre o sujeito e a sua verdade.

¹⁴ VITÓRIA, G. A busca da felicidade. *Isto É*. São Paulo: Editora Três, 27 de setembro de 1995, p. 100-1.

O homem moderno quer resolver seus problemas de forma imediatista e indolor, sem obstáculos e, de preferência, sem limites. A psicanálise não interdita o gozo, mas aponta a desarmonia entre o sujeito e o seu gozo.

Os seres humanos, por natureza, não podem escapar à infelicidade, mesmo aprendendo a conviver com ela, e após cem anos da *Die Traumdeutung*, a psicanálise se desenvolveu, se difundiu, mas paradoxalmente reduz-se sensivelmente o número de pessoas que procuram resolver seus problemas dentro do *setting* analítico. A psicanálise é incompatível com o desejo imediatista contemporâneo de resolver tudo no aqui e agora.

Não é por acaso que se ouve tanto acerca do sucesso das neurociências e dos efeitos cada vez mais milagrosos das drogas, em especial dos antidepressivos, que acenam para o declínio do uso do divã.

A influência da engenharia genética também pesa contra nós psicanalistas, pois querem genetizar a felicidade além de traços de personalidade e distúrbios comportamentais, haja vista a dificuldade de entendimento

Formação de Psicanalista

da natureza conflitiva entre o homem e a civilização por ele criada. Não se pode controlar conflitos emocionais baseando-se em códigos genéticos. A psicanálise é insubstituível. Até entendemos que o inconsciente é ancorado numa grande rede de neurônios e genes, mas eles por si só não dão conta do inconsciente. A psicanálise paga um preço alto por ser a terceira grande ferida narcísica na Humanidade, ao afirmar que a espécie humana não é dona da própria vontade, mas comandada pelo inconsciente, um centro fora do seu controle. Os outros dois golpes anteriores que abalaram o orgulho e a onipotência humana foram: no século XVI, quando Nicolau Copérnico anunciou que a Terra não era o centro do Universo; e no século XIX, quando Charles Darwin disse que o homem não era uma criatura divina, mas apenas um simples descendente de macacos.

A psicanálise sabe acolher a angústia do homem, alterando sua relação com o mundo, o que significa trazer à superfície os desejos e conflitos.

A psicanálise, portanto, não promete a felicidade nem se propõe a resolver problemas ou curar qualquer mal estar localizado.

Freud disse que essa nossa centenária senhora, a psicanálise, serve para transformar a infelicidade numa desgraça banal, fazendo com que as pessoas lidem melhor com o seu desejo, sustentando-o, e construam uma narrativa própria.

A psicanálise não está moribunda e nem vai morrer como anunciado, ela está cada vez mais forte e viva, graças aos verdadeiros psicanalistas, aqueles de fato interessados, de forma genuína, nas transformações que a nossa subjetividade sofre no mundo contemporâneo, dispostos a levar até às últimas conseqüências a discussão ética dessas metamorfoses, e se propondo a serem os grandes interlocutores com os diversos segmentos da sociedade pós-moderna na virada do milênio.

*Psicanálise – Formação ou Ensino*¹⁵

O Círculo Psicanalítico de Sergipe recebeu um convite do Conselho Regional de Psicologia-SE, para que fizesse uma apreciação sobre os inúmeros projetos que estão surgindo, tentando regulamentar a profissão de psicanalistas, que, aliás, não é uma profissão regulamentada em nenhum país do mundo.

Fiquei me questionando quais seriam os reais objetivos desses projetos e a quem, de fato, eles interessariam. Por que o Conselho Regional de Psicologia especificamente e não o Conselho de Medicina, ou o de Filosofia, ou ainda o de Lingüística e Antropologia?

Na realidade, a psicanálise não é práxis específica de nenhum profissional e isso foi muito bem advogado pelo próprio Freud, no seu artigo *A Questão da Análise*

¹⁵ Publicada na revista Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte, n. 16, p. 42-5, out. 1993.

*Leiga*¹⁶. Devemos entender que a habilitação legal por capacitação universitária não autoriza nenhum médico ou psicólogo a ser psicanalista, pois o seu saber está além do saber universitário.

O saber universitário tem um enorme peso de complementaridade. Quanto mais culto mais vantagens tem esse psicanalista no exercício de sua profissão e essas vantagens não deveriam se transformar em obstáculos à sua formação. Portanto, os cientistas sociais constituem-se também, claro que só a partir de seus desejos inconscientes e conscientes, em candidatos em potencial à formação psicanalítica.

Ser psicólogo ou médico não dão garantias de uma boa prática comparada a um leigo especializado para esse fim. Outrossim, a psicanálise, por não ser uma prática profissional regulamentada e nem regulamentável, pode ser exercida por “qualquer pessoa” que queira percorrer as

¹⁶ FREUD, Sigmund (1926). *A questão da análise leiga*. In: Obras psicológicas completas, v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

Formação de Psicanalista

trilhas do seu próprio inconsciente, se submeta a uma supervisão e estude a teoria freudiana¹⁷.

Não podemos nos distanciar do fato de que a apreensão teórica da psicanálise não é suficiente para que se forme um analista. Somente diante da experiência do seu próprio inconsciente é que esse candidato se capacita ao exercício de escuta em um registro que possa ser qualificado de psicanalítico. Não será um título de especialista, devidamente registrado em um conselho que autorizará um psicanalista ao seu ofício.

Fico construindo hipóteses acerca dos objetivos de uma regulamentação e de uma sistematização de ensino universitário para a psicanálise. Suponho que os defensores da regulamentação temem a tensão existente dentro das sociedades psicanalíticas. Tensão entre demanda institucional e a demanda da teoria analítica.

¹⁷ PIMENTEL, D. Quem Sabe? Trabalho apresentado na V Jornada do Círculo Psicanalítico da Bahia, II Jornada do Círculo Psicanalítico de Sergipe, nov./1991. Publicado em: Jornada do Círculo Psicanalítico da Bahia, 5, 1991. Anais... Salvador: CPB, 1991.

A demanda institucional é aquela que institui uma ordem, onde os membros da sociedade se perfilam uns diante dos outros, ou seja, os que transmitem e aqueles a quem se transmite um certo saber. A verdade é que numa instituição onde o saber é inscrito no reconhecimento da singularidade do sujeito, não seria possível, apesar de ser assim, estabelecer valores hierárquicos que anulariam a primeira premissa da instituição: todos iguais apesar de singulares. Ou ainda podemos dizer que uma instituição que é marcada pela ética do sujeito da diferença, a única oposição possível seria ser ou não ser analista e nunca ser mais ou menos analista, no máximo ser mais experiente no que diz respeito à clínica ou mais didático no que diz respeito ao ensino. Mas no campo institucional não podemos dizer que um vale mais que outro e todos têm o dever ético de sustentar sua posição de analista através de sua produção teórico-prática.

Já a demanda da teoria analítica é aquela que se constitui pela possibilidade de se insistir, de continuar criando. Freud diz-nos que

Formação de Psicanalista

“a psicanálise não é fruto da especulação, mas o resultado da experiência e, por essa razão, como todo novo produto da ciência, acha-se incompleta. É viável a todos convencerem-se por suas próprias investigações da correção das teses nela corporificadas e auxiliar no desenvolvimento ulterior do estudo”¹⁸

Acredito que Freud nos convidava à criatividade emergente do inconsciente de cada analista que se autoriza ao exercício da prática psicanalítica.

Com a regulamentação, com a quebra das tensões, temo que a criatividade desapareça. Deixaríamos de insistir na teoria analítica. A psicanálise seria considerada um saber completo, uma obra fechada. E sem dúvida é uma ilusão imaginar que alguém detém o saber psicanalítico. Lacan disse que *“o fruto positivo da revelação da ignorância é o não-saber, que não é uma*

¹⁸ PIMENTEL, D. Quem Sabe? Trabalho apresentado na V Jornada do Círculo Psicanalítico da Bahia, II Jornada do Círculo Psicanalítico de Sergipe, nov./1991. Publicado em: Jornada do Círculo Psicanalítico da Bahia, 5, 1991. Anais... Salvador: CPB, 1991.

negação do saber, mas sua forma mais elaborada”¹⁹. O discurso psicanalítico, portanto, não se submete a nenhum saber completo.

Acredito que o desejo de manter a psicanálise entre as paredes de uma instituição universitária é querer reduzir o saber psicanalítico. É tomar o desejo do saber como uma demanda de simples orientação. Freud foi quem afirmou que o saber, o saber como tal, é uma das formas mais requintadas da resistência à psicanálise²⁰, e essa pretensão, portanto, não se sustentará, uma vez que o saber universitário é incompatível com a psicanálise, comprometida com a verdade do inconsciente.

A regulamentação da profissão e da sua formação, por conseguinte, sob essa ótica, não seria uma forma de monopolizar o saber e reter o poder numa ostensiva distorção da **transmissão em psicanálise**? Aqui devemos fazer uma correção, pois no novo modelo seria **transmissão da psicanálise**. Pois uma faculdade ou

¹⁹ LACAN, Jacques. Acte de fondation 21 Juin 1964, Écrits: Seuil, 1966.

²⁰ FREUD, S. La resistencia al psicoanálisis. In: Obras psicológicas completas. Madrid: Biblioteca Nueva, 1968.

Formação de Psicanalista

escola de psicanálise seriam capazes de, no máximo, transmitir informações acerca de um saber que seria dito completo. Ou ainda, uma escola ou faculdade de psicanálise poderiam dar instrução, ou seja, seriam, sem dúvida, capazes de transmitir certos conceitos metapsicológicos, mas nunca formar um psicanalista, pois a informação não é, por si só, suficiente para tal.

Quem formaria portanto os analistas? Quem ensina psicanálise e não vive a inquietude da análise e as suas vicissitudes ligadas à criatividade, como consequência de uma demanda da própria teoria analítica e do desejo do saber, não pode, por conseguinte, formar psicanalistas. Até mesmo porque a formação de um analista só pode ser resultante da análise de um sujeito, processo esse impossível de ser regulamentado, enquadrado e ter efeitos previsíveis e portanto sem garantias.

Falo em garantias porque talvez seja essa uma das alegações dos defensores da regulamentação da profissão. Talvez eles queiram, com razão, dar um basta aos excessos antiéticos dos jogos perversos que se estabelecem em algumas relações ditas terapêuticas. Fico imaginando também que esses excessos continuariam a acontecer e

dessa feita sob a tutela dos Conselhos, uma vez que profissionais que tenham certos títulos se sentiriam autorizados a uma prática sem nenhuma habilitação para tal. Portanto, ao invés de garantias teremos oficialização de práticas muitas vezes perversas.

Outro argumento, suponho, seria o de encerrar as disputas acerca de quem são os verdadeiros psicanalistas. Mas esse desejo não denunciaria também o interesse em manter o controle simbólico sobre a legitimidade no campo psicanalítico?

De que transmissão, afinal, estaríamos falando? Seria uma simples passagem de um conhecimento entre dois sujeitos? A transmissão em psicanálise é única e é exclusivamente a transmissão de uma experiência analítica e portanto ela pertence ao campo do testemunho. Não se transmite o ato psicanalítico, ele é sempre uma criação singular vinculado mais à ética do que à técnica. Sem a integração entre a análise pessoal, estudos teóricos e uma boa supervisão de técnica, não existe processo de formação analítica. Numa universidade essas coisas não fazem sentido. A transmissão não está submetida a estudos ou

Formação de Psicanalista

regras. Nesse campo há que se criar, mas sempre via escuta do inconsciente. Aquele que assim o fizer, sabe, ou seja, sabe que não sabe²¹.

O trabalho de formação diz respeito a cada um. A função de analista não é transmitir mas permitir que um processo de psicanálise ocorra. A psicanálise só pode ser vivida na própria pele via ato analítico, que permite um encontro com o saber, que escapa sempre, na procura permanente do objeto causa do desejo. Com isso reafirmamos que o objeto de transmissão é o inconsciente e que se o ensino da psicanálise não pode ser regulado e massificado por leis ordinárias, é pelo fato de ser um ofício que usa o inconsciente como instrumental de trabalho e que por suas peculiaridades é intransmissível.

Não há nenhum instrumento que sustente a especificidade da vivência analítica. Podemos aferir que na questão da transmissão em psicanálise é descartável o

²¹ PIMENTEL, D. Quem Sabe? Trabalho apresentado na V Jornada do Círculo Psicanalítico da Bahia, II Jornada do Círculo Psicanalítico de Sergipe, nov./1991. Publicado em: Jornada do Círculo Psicanalítico da Bahia, 5, 1991. Anais... Salvador: CPB, 1991.

saber universitário e científico, com sua verdade moral e seu poder, ficando distante do discurso do mestre que vai dizer o que o Outro quer⁷.

Acredito que, ainda é a instituição psicanalítica, apesar das dificuldades de conviver com as diferenças de seus pares, o lugar simbólico que melhores condições tem da abrigar a produção e reprodução da psicanálise, dando sustentação para uma prática clínica reconhecida, regida, sem dúvida, por uma ética que se refere a uma instância ideal de regulação da experiência psicanalítica, a que todos os seus membros estão submetidos na condição de agentes dessa experiência.

Em conseqüência da articulação que se faz entre ética da psicanálise - ou seja, ética do desejo ou ainda reconhecimento da diferença – e ética da instituição psicanalítica, é que se conclui que a psicanálise não se ensina mas se transmite.

Por não se poder falar em ensino da psicanálise, conclui-se, novamente, que a formação de um analista se dá pela experiência psicanalítica fundada na transferência e

Formação de Psicanalista

nunca pelo caminho do saber universitário, uma vez que o ensino teórico da psicanálise deve se submeter sempre às exigências éticas da individualidade a ao acesso ético do desejo do analista: únicos valores éticos de que de fato regulam a experiência psicanalítica e a formação de psicanalistas.

QUEM SABE ? – UM ESTUDO SOBRE A TRANSMISSÃO EM PSICANÁLISE*

Quem forma analistas? Outro analista, um professor, supervisor? Reconhece-se um analista como? Qual é o desejo que leva aquele que se tornou analista a operar com seu desejo?

Não tenho a pretensão de responder certas perguntas, mas creio ser viável tecer comentários e promover reflexões, lançar novos questionamentos, mesmo correndo o risco de ser contestada, de repetir cantilenas, ou mesmo promover confrontos com contradições que possivelmente possa cometer.

A psicanálise hoje, tem um lugar e valor incontestáveis no contexto cultural das ciências humanas,

* Trabalho apresentado na V Jornada do Círculo Psicanalítico da Bahia, II Jornada do Círculo Psicanalítico de Sergipe, nov./1991. Publicado em: Jornada do Círculo Psicanalítico da Bahia, 5, 1991. Anais... Salvador: CPB, 1991.

Formação de Psicanalista

presente em instituições médicas, nos bate papos informais, através de práticas, quer curativas, quer pedagógicas, com desdobramentos e impactos no discurso humano e presente de forma singular no imaginário social.

Tem-se discutido muito sobre a natureza da formação analítica nos institutos de psicanálise e que, tradicionalmente, desde a fundação do Comitê Internacional de Formação, vem montada em um tripé: a análise pessoal, a supervisão e o estudo da teoria.

Ninguém deve praticar a análise se não tiver adquirido o direito de fazê-lo através de uma formação específica²². Mas, onde e como pode o pobre infeliz adquirir as qualificações ideais de que necessitará na sua profissão?²³. Essas preocupações foram expressas por Freud, que não sem razão sempre pontuou que a única via de formação de uma analista é o divã. No entanto, o próprio Freud, até 1923, conduziu a análise dos seus candidatos sem muito rigor, mas de acordo com os desejos

²² Freud, S. “A questão da análise leiga” (1926). In: Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 20, p. 265.

²³ Freud, S. Análise Terminável e Interminável (1937). In: Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 23, p. 282.

e a natureza dos sintomas com os quais trabalhava, sem permitir que houvesse interferências institucionais, políticas e administrativas nessas análises. E afinal, não deveria ser sempre assim?

A partir de 1924, com a descoberta do tumor maxilar maligno em Freud, todos temiam a sua morte e o destino da psicanálise. O Grupo de Berlim desejava prestígio e respeito para a profissão, como uma especialidade médica, apesar da incompatibilidade dos discursos analítico e médico, e isolada de todo um movimento cultural geral. Daí surgiu o Comitê Internacional de Formação, que estabelecia critérios rígidos de seleção e formação.

A história sugere que a formação dos grupos atende a outras necessidades que não simplesmente o desejo do reconhecimento por seus pares, mas o desejo de controle e manejo do saber em psicanálise.

O campo da psicanálise é marcado pelas diferenças e conflitos dos interesses daqueles que a utilizam, fora e dentro das instituições, favorecendo as dissidências, cisões e proliferação institucional. Criou-se uma perversa

Formação de Psicanalista

polêmica acerca de qual escola representaria e praticaria a verdadeira psicanálise, e com uma necessidade de afirmar que as novas contribuições psicanalíticas foram literalmente extraídas de Freud, como forma de legitimar ou repudiar os verdadeiros e falsos herdeiros da psicanálise respectivamente.

É preciso reconhecer que não há uma só maneira de ser psicanalista, e a partir desse ponto, abrir espaço para o diálogo com outros correntes teóricas e institucionais, de forma que no confronto das diferenças, possamos elaborar novas formas de pensar psicanaliticamente e tentar separar teoria e prática psicanalítica, de um lado, e objetivos políticos, pessoais e institucionais, do outro.

Do lado institucional, as grandes defesas sobre o rigor na formação e autorização dos candidatos a analistas, denunciam, em alguns casos, o interesse em manter o controle simbólico sobre a legitimidade no campo psicanalítico. Isto sugere uma nova pergunta: afinal, quem é e quem não é, dentro da própria instituição, e fora dela, capaz de transmitir? Creio que antes caberia uma pergunta mais simples: Que vem a ser transmissão?

Transmitir significa informar, dar ciência, ensinar e transmissão seria a passagem de um conhecimento entre dois sujeitos. Definições por demais simplórias. Quando nos referimos a psicanálise, a transmissão é algo mais complexo, uma vez que o objeto da transmissão é o próprio inconsciente, que pela sua própria singularidade, diz-se-ia ser não transmissível.

A transmissão em psicanálise é única e é exclusivamente a transmissão de uma experiência analítica, e portanto, ela pertence ao campo do testemunho. Não se transmite o ato psicanalítico, ele é sempre uma criação singular vinculado mais à ética do que à técnica. A função do analista não é transmitir, mas permitir que um processo de psicanálise ocorra. Portanto não existe transmissão da psicanálise, mas transmissão em psicanálise.

Com referência aos “*Quatro Discursos de Lacan*”, quando nos referimos à situação de transmissão em psicanálise, de que discurso falamos, e quem ocuparia o lugar do agente, se é que é possível ocupar esse lugar? Para Lacan, o discurso é um ato social e a psicanálise é a

Formação de Psicanalista

prática desse laço na medida que apresenta o sujeito na sua relação com o outro.

Pode-se pensar que **quem sabe** é aquele, que na verdade, **não sabe**. Sabe no entanto, que está submetido ao Outro, ao inconsciente, só atingível através das formações (as formações do inconsciente).

Lacan disse que nunca havia falado em formação analítica, mas em formação do inconsciente, e que da análise, se despreende uma experiência, a qual é completamente errado qualificar de didática. A experiência não é didática²⁴.

A transmissão não está submetida a estatutos ou regras. Nesse campo há que se criar, mas sempre via escuta do inconsciente. Aquele que assim o fizer, sabe, ou seja, sabe que não sabe. O discurso que poderá sustentar esse lugar, pelo próprio fato de ser insustentável, é o discurso do analista, comprometido com a verdade do inconsciente.

²⁴ Lacan, J. Sobre la experiência de pase. Ornicá – Espana: Publicação do Campo Freudiano, 1981.

Portanto quem pode transmitir em psicanálise são as formações, as formações do inconsciente. O trabalho de formação diz respeito a cada um, uma vez que a psicanálise só pode ser vivida na própria pele, via ato analítico, que permite um encontro com o saber, que escapa sempre, na procura permanente do objeto causa do desejo.

Não há nenhum instrumento de ensino que sustente a especificidade da vivência analítica e só aí o candidato se instrumentaliza também para a sua prática clínica futura.

A transmissão em psicanálise é, no entanto, dependente de laços identificatórios com o analista, posto numa posição de mestre pelo candidato. Se esse analista se identifica com essa posição de mestre e a transforma em uma fonte de satisfação narcísica, sob a influência da transferência, haverá a possibilidade de uma sedução doutrinária e o risco para a formação do futuro analista que pode se ver privado de uma experiência própria.

Formação de Psicanalista

Balint²⁵ denuncia, em um de seus artigos, o dogmatismo de gerações de analistas, forçados a optar pela filiação dogmática a uma corrente dominada por um mestre carismático e por uma lógica de pertencimento, onde não pode haver reflexão crítica, numa posição de servidão radical, o que impossibilita a troca efetiva de experiências que favorecem o crescimento de cada analista, de sorte que encontre seu próprio estilo. Freud faz referência ao estilo quando diz que essa técnica é a única apropriada à sua individualidade. E a individualidade é fundamental. Se não houver individualidade não há possibilidade de análise, uma vez que se trata de uma relação entre duas pessoas e que pela sua exclusividade e natureza acaba modificando a ambas.

Para que o analista encontre o seu estilo, uma das recomendações é ignorar o que se sabe para que, assim sendo, a análise possa de fato ser um ato de criação a cada vez.

²⁵ Balint, M. On the psychoanalytical training system. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 29.

O que resta, portanto, ao analista, diz Lacan, é o estilo submetido a uma ética ou saber psicanalítico.

Podemos aferir que na questão da transmissão em psicanálise, é descartável o saber universitário e científico, com sua verdade moral e o seu poder, ficando distante, do discurso de mestre que vai dizer o que o Outro quer.

Na instituição há um espaço transferencial contaminado porque há uma confusão entre os lugares ocupados, ora pelo professor e pelo analista, ora pelo aluno e pelo analisando: professor que sabe, aluno que não sabe, analisando que sabe e pensa que não sabe, analista que não sabe e é suposto saber.

Talvez o que coubesse à instituição, fosse uma forma de viabilizar, que da análise se desprendesse alguma experiência, uma vez que a instituição não pode comprometer-se com a formação, salvo as do inconsciente. Haverá tantas formas de psicanalistas quantas formações do inconsciente tenha constituído tais psicanalistas²⁶.

²⁶ Harare, R. *Dejad que los ninos vengan a mi*. Buenos Aires: Letra Freudiana/Círculo Freudiano, 1980.

Formação de Psicanalista

Em psicanálise, a diferença entre ensino e formação está longe de ser uma questão acadêmica e de retórica, na medida que a formação analítica é caracterizada pela ausência de critérios específicos. O único critério forte é o do pertencimento, daí a idéia de analisar permanentemente os efeitos desse pertencimento, para não incorrerem em um processo de alienação, principalmente nas sociedades em que só reconhecem a análise do candidato que tenha sido realizada por um membro daquela sociedade em questão, e também, não um membro qualquer, mas um membro devidamente autorizado para tal tarefa. É preciso repensar tal postura e nós estamos nos propondo a isso, de sorte que o candidato não se sinta coagido a escolher um pertencimento no instante em que se inicia a sua análise, e o que é mais severo, impedido de mais tarde iniciar os seus seminários de formação teórica, porquanto o seu psicanalista, pessoa por ele escolhida e de sua confiança para testemunhar o seu processo, não ser reconhecido como habilitado para analisar candidatos. O conformismo dos candidatos canaliza uma demanda analítica antes de qualquer formação, reforçando o pertencimento.

Lacan questiona a posição dos analistas didatas como únicos a poder autorizar alguém a ser analista, e afirma que, é o candidato que constitui a sua análise como didática, autorizando, portanto, o seu analista como didata. O analista didata, seria então, todo aquele que tivesse conduzido uma análise que tenha produzido um analista²⁷. E é na Proposição de 1967, que Lacan lança seu famoso aforisma “*O analista só se autoriza por si mesmo*”²⁸, ou ainda o “*analista (por si só) traz uma garantia de formação suficiente*”. A concessão de um título por uma escola, registra apenas o seu testemunho, a garantia o candidato já traz.

As instituições são necessárias para que possamos dar prosseguimento à nossa formação. Importante é a mantermos sob eterna análise crítica, uma vez que ela não tem vida própria e é um efeito dos nossos próprios desejos de pertencimento, filiação, e reconhecimento. Reconhecimento é um ato social, aquele que faz atribuir a alguém um ofício, e o campo do reconhecimento é a

²⁷ Lacan, J. Acte de fondation 21 Juin 1964. Paris : Ecrits, 1966.

²⁸ Lacan, J. Proposición Del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la escuela. Buenos Aires: Manantial, 1987.

Formação de Psicanalista

instituição. Mas é preciso que tentemos manter esse exame contínuo, mesmo que nos pareçam situações imutáveis. Os efeitos dessa análise serão julgados pelo que se produzir *a posteriori*.

Quem pode portanto ser psicanalista? Quem seleciona quem? Como reconhecer um candidato? Quais os pré-requisitos que são exigidos? .

Lacan afirma que quando lançou seu aforismo “*o analista só se autoriza por si mesmo*”, não implicaria que qualquer um poderia ser analista e que se a análise é necessária, ela, no entanto, não é suficiente.

Isso não significa que determinada classe profissional seja privilegiada em detrimento de outra, porque afinal, o psicanalista só pode ser o efeito contingente e absolutamente imprevisível da análise do candidato.

É com muita má vontade, apesar das posições assumidas por Freud, que as instituições começam a aceitar candidatos não médicos para a formação psicanalítica. É preciso considerar que a habilitação legal por capacitação universitária não autoriza nenhum médico

ou psicológico a ser psicanalista, pois o seu saber está além do saber universitário. O saber universitário, no entanto, tem um enorme peso de complementariedade. Quanto mais culto, mais vantagem tem esse psicanalista no exercício de sua profissão, e essas vantagens não deveriam se transformar em obstáculos à sua formação. Ser psicólogo ou médico não dão garantia de uma boa prática, comparada a de um leigo especializado para esse fim.

Creio ser interessante também lembrar nomes de psicanalistas famosos e criativos que não possuem títulos de médicos ou psicólogos, a exemplo de Melanie Klein, Anna Freud, Joan Riviere, entre outros não menos importantes e que tem o reconhecimento de várias gerações de psicanalistas, como pessoas que honram a psicanálise com suas valiosas contribuições.

A psicanálise por não ser uma prática profissional regulamentada e nem regulamentável. Pode ser exercida por “qualquer pessoa” que queira percorrer as trilhas do seu próprio inconsciente, se submeta a uma supervisão e estude a teoria freudiana, e, portanto, os cientistas sociais

Formação de Psicanalista

constituem-se, sem dúvida, a partir de seus desejos inconscientes e conscientes, candidatos em potencial.

Não podemos nos distanciar no entanto, do fato que a compreensão teórica da psicanálise não é suficiente para que se forme um analista. Somente diante da experiência do seu próprio inconsciente é que este candidato se capacita ao exercício de escuta em um registro que possa ser qualificado de psicanalítico. É claro que um candidato mal selecionado tem poucas chances de ser um bom analista, mas a auto seleção promovida pela descoberta do desejo, sem dúvida, é a mais confiável, apesar de não ser nenhuma garantia.

Serge Cottet ²⁹ em um dos seus trabalhos diz que uma consequência do próprio discurso freudiano é não excluir seu inventor, do rol dos que falam a partir de um lugar que ignoram. Como esse lugar é o do seu desejo, fica a questão qual seria então o desejo do analista ?

Sabendo que não há desejo sem vínculo com o saber, o desejo do analista é o desejo de saber, de despertar o outro. Mas não é relativo a qualquer saber.

²⁹ Cottet, S. Freud e o desejo do psicanalista Rio de Janeiro: Campo Freudiano no Brasil/J. Zahar, 1990.

É claro que o desejo do analista é bem diferente do que muitas vezes é expresso no início de uma análise: desejo de ser um analista. Não se trata de uma simples demanda. E na análise de um candidato pode haver uma passagem de analisando a analista, ou seja que esse candidato passe a operar a partir do seu desejo. Repetindo Lacan “ ... é o desejo do analista o que em última instância opera na psicanálise.”

A psicanálise tem sua transmissão comprometida com a identificação com o analista através do desejo. A transmissão em psicanálise não é efetuada do analista para o analisando durante o tratamento, mas sem dúvida, ela ocorre dentro da transferência. “*O ensino da psicanálise só pode ser transmitido de um sujeito ao outro pelas vias de uma transferência de trabalho*”³⁰. O que se transfere não é o saber, mas o trabalho.

O desejo do analista é a condição maior da experiência analítica e da formação do candidato. O desejo do analista, como desejo de saber, é um desejo que só surge a partir do momento que se supera o horror à

³⁰ Lacan, J. Acte de fondation 21 Juin 1964. Paris : Ecris, 1966.

Formação de Psicanalista

castração, quando cai o sujeito suposto saber. Ou seja, quando se percebe o Outro barrado e incompleto, diante da impossibilidade em alcançar o saber que alimentava o trabalho de transferência e sustentava o sujeito suposto saber. Não há uma dissolução da transferência mas uma transformação do trabalho de transferência em transferência de trabalho, ou o melhor, a transformação do amor ao saber, em desejo de saber: eis aí o desejo do analista³¹. Freud diz que “*um homem que realmente sabe é modesto, pois sabe quão insuficiente é seu conhecimento*”. Necessário que se desvaneça a ilusão de que o analista é detentor de um saber que responde à demanda do outro.

Apesar da análise não de objetivar em produzir um analista, a tese de Lacan é que o fim da análise sempre produz um analista quer de si mesmo, quer atuante na clínica.

Lacan com o seu aforismo “*analista só se autoriza por si mesmo*” não pregou que cada um se autorizasse do

³¹ Harari, A. et. al. Do ser e do desejo do analista. In: Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, 3. O que pode um analista? 1991. Anais... Salvador: Vozes, 1991, p. 89-96.

jeito que pudesse ou quisesse, e ainda se o analista de um candidato não tem o poder de autorizar, pode no entanto, sob o prisma de Lacan desautorizar. E aí entramos na questão da supervisão, processo exigido por todas as escolas de analistas.

Supervisão seria, talvez, o momento da integração entre teoria e prática analítica, numa experiência de aprendizado com um analista que já tivesse vivido processo semelhante. Sob o enfoque institucional, seria a possibilidade de controle e avaliação dos candidatos em suas práticas, lembrando, no entanto, que uma avaliação objetiva de um analista é impossível, e nenhum supervisor poderá fornecer um certificado de habilitação profissional. Como pode alguém analisar a análise de outro e tornar a psicanálise transmissível? Dir-se-ia (trans) missão impossível.

Muitas vezes quando um supervisionado solicita ajuda descobre que a sua prática está obstruída não por algo do seu paciente mas por conta de suas próprias dificuldades, denunciando, na realidade, um pedido analítico ao seu supervisor. A demanda de supervisão é

Formação de Psicanalista

portanto em algumas situações, uma demanda disfarçada de análise e às vezes se sustenta devido às resistências contra a análise.

Jean Paul Valabrega³² propõe substituir a denominação de supervisão, ou análise de controle, pela expressão, *Análise Quarta*, por serem quatro referenciais simultaneamente, envolvidas em cada sessão analítica:

- Uma paciente em análise
- Um candidato que é o analista desse paciente
- O analista do candidato
- Um outro analista (análise quarta)

Poder-se-ia ainda acrescentar, a presença na supervisão: o analista, do analista do candidato, e o analista do quarto analista, ou seja do supervisor.

O candidato dificilmente escapa da tendência a estereotipar certos traços da prática ou técnica sofrida no seu próprio processo, e a análise quarta, distante de um simples controle, seria de fato, analítica, tentando

³² Valabrega, J. P. A formação do psicanalista. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

identificar as transferências inconscientes que circulam entre os quatro referenciais. Não é, entretanto, uma análise *stricto sensu* e nem a substitui.

Fica-se na dúvida se a supervisão seria uma função pedagógica ou terapêutica, e parece que ela seria algo além de uma função de mestria e aprendizado e aquém de uma terapia. Um lugar que favorece o analista a perceber o que nas suas intervenções, constitui-se, de fato, um ato psicanalítico e capaz de desfazer o recalque. E ou seria ainda um lugar onde o analista poderia perceber quão insuficiente tem sido sua própria análise.

Lembramos que a análise não tem o objetivo de fazer com que o analista não tenha pontos cegos ou não se pode pensar que com a análise as suas resistências desaparecem.

Existe um determinado lugar no inconsciente onde há um ponto cego que é o lugar da falta. O analista reconhece o ponto cego, exatamente quando sua análise foi “bem feita”. Reconhece e se assujeita a esse irreduzível. O analista continua resistindo, só que agora sabe que está resistindo.

Formação de Psicanalista

Para concluir, diríamos que a passagem de analisando a analista comporta o acesso à singularidade do seu desejo e do sentido de sua própria história, em um processo que não se conclui com o término da análise. A análise de um psicanalista continua infinitamente com cada analisando uma vez que a manutenção do desejo de saber o remete permanentemente à sua própria história e à sua condição de singular. O exercício profissional de um analista se registra na continuação de sua própria análise que é essencialmente interminável.

O verdadeiro analista é aquele que continua a ser analisando e não abre mão disso, criou-se uma dependência, instalou-se um vício, tornou-se um viciado em análise.

Um analista por conseguinte, não se forma, se transforma, se produz numa análise.

TRANSFERÊNCIA E ÉTICA: DIREÇÃO DA CURA*

“O psicanalista banha-se numa trama cerrada e onde a cura, se cura há, é apesar dele”³³

Nasio

A psicanálise é uma práxis regida pela ética do inconsciente e pelo compromisso que se estabelece entre o sujeito e o seu desejo, permitindo o acesso à sua verdade, verdade essa, escondida no enigma do sintoma. Verdade impossível de ser dita por completo.

* Trabalho apresentado no X Congresso do CBP e III Fórum Brasileiro de Psicanálise. Publicado em: Congresso do CBP, 10; Fórum Brasileiro de Psicanálise, 3, 1994. Anais... Belo Horizonte: Círculo Brasileiro de psicanálise, 1994, p.52-7.

³³ Nasio, J. D. Nos Limites da Transferência. Campinas: Papirus, 1987.

Formação de Psicanalista

O psicanalista, pela sua própria experiência como analisando, acerca da impossibilidade da verdade ser inteiramente dita, tem a função, também impossível, de levar o analisando a dizer o que não pode ser dito, a bem dizer o seu sintoma. Eis a ética do bem dizer.

O sintoma porquanto ser mensagem codificada é metafórico e está submetido como tal, às leis da linguagem. O sintoma, revela-se representante do sujeito do desejo por conter um gozo na fantasia inconsciente, que o sustenta e o define como sexual. A eficácia da psicanálise seria a própria decodificação da mensagem via transferência¹, ou seja, ao analista investido na função de sujeito suposto saber é endereçado uma demanda para decifrar o enigma do sintoma e por conseguinte, o sujeito do inconsciente.

Lacan nos disse que o sintoma significa “*o retorno como tal da verdade na falha do saber*”¹. Verdade que o sujeito inquestionavelmente nada quer saber. O sintoma por si só é, sabemos, insuficiente para promover uma demanda analítica. É preciso mais do que isso. É preciso que o sintoma fracasse e este será o momento em que o sujeito percebe através do seu desamparo e

Aracaju: CEFET, 2004.

desconhecimento, que nada lhe resta, senão a possibilidade de dirigir-se ao saber, que equiivale a procurar uma resposta ao enigma do sintoma. O sintoma é aí capturado pela transferência. A psicanálise serve, portanto, para quem deseja confrontar-se com a sua verdade, questionando o sintoma, trocando o gozo pelo saber, numa articulação entre o saber e a verdade, na medida mesmo em que o sintoma analítico, enquanto enigma, se dirige ao sujeito suporte saber, de quem se espera receber significações.

O desejo do analista é um desejo de saber e não deve ser confundido com o desejo ingênuo de curar. Freud nos adverte acerca do analista, dos perigos sobre o desejo de curar, a ambição de fazer o bem. A ética da psicanálise é a ética do desejo. O furor curandis não levaria em conta o desejo inconsciente do sujeito e seria uma manifestação de resistência do próprio analista, produzindo um saber no analisando, aquém da verdade. *“Não há mais que uma única resistência, a resistência do analista”*³⁴.

³⁴ S.Freud, Conferência XXVIII, Vol.XVI, Ed. Standard Brasileira – Imago – RJ – 1980

Formação de Psicanalista

O cerne da experiência psicanalítica é inapreensível e é a palavra que introduz a verdade na ordem do real. Real que é enigma. Enigma que exige ser decodificado. É aí que começa a análise.

O sujeito tem uma relação de ignorância com um real que o causa, ou seja, ele nada sabe do significante que o determina. Aprendemos com Lacan que não há saber para o inconsciente, pois o inconsciente é uma saber que não se sabe. A descoberta do recalque por Freud e dos seus efeitos no sintoma, dão uma nova direção do processo psicanalítico onde o psicanalista está comprometido.

A suspensão do recalque favorece o acesso do sujeito a uma certa verdade e essa possibilidade de dizer a verdade está diretamente vinculada ao desejo do analista. *“No correr da análise acontece o analista se defender em relação ao retorno do recalque a ponto de o analisando acabar se chocando, em seu próprio percurso, com aquilo de que o analista, em certos aspectos, nada quer saber”*³⁵.

O lugar ocupado pelo psicanalista não o protege do efeito daquilo que é dito pelo analisando e muitas vezes,

³⁵ Nasio, J. D. Nos Limites da Transferência. Campinas: Papirus, 1987.

reedita com ele sua própria história edípica, reativando conflitos residuais, angústias e defesas.

Inegável o fato de um psicanalista retomar muitas vezes sua própria análise a cada processo de análise que testemunha. E à propósito disso é que Lacan diz que: “*O desejo do analista é o que em última instância, opera na psicanálise*”³⁶ .

Se o analista não dá vazão ao seu desejo, desejo sempre mediatizado pelo outro, sua abstinência favorecerá a alienação do desejo do analisando que poderá se manifestar. A regra da abstinência é o correlato direto da livre associação. É esta a máxima lacaniana acerca da ética da psicanálise: “*Não ceder quanto ao seu desejo*”³⁷. A ética da psicanálise propõe ao analista acolher, mas nunca responder, à demanda que lhe é dirigida pelo analisando. Demanda que é sempre de amor. A psicanálise implica em renúncia à sugestão e o que pode

³⁶ Lacan, J. Escritos. São Paulo: Perspectiva, 1988.

³⁷ Lacan, J. A ética da Psicanálise: Seminário 07. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

Formação de Psicanalista

ser chamado de neutralidade não se resume à indiferença e nem exclui uma intervenção mais ativa ³⁸.

Sobre a ética da psicanálise, é dito por Lacan, que ela “*consiste essencialmente num juízo sobre nossa ação*” e mais, “*se há uma ética da psicanálise é na medida em que, de alguma maneira, por menos que seja, a análise fornece algo que se coloca como medida de nossa ação – ou simplesmente pretende isso*”³⁹. A medida da eficácia terapêutica é o efeito da linguagem sobre o gozo sexual do sintoma e a constituição de um saber sobre o sujeito.

A abstinência do analista, portanto, marca a falta, remete ao registro da castração, derruba a ilusão da completude e permite a emergência do saber que o analisando detem sobre si mesmo: “*onde estava o id ali estará o ego*”⁴⁰, ou ainda no dizer lacaniano: “*ali onde isso era, o sujeito do desejo deve advir*”. Esta é a ética freudiana que rege a ação do psicanalista, num movimento

³⁸ Cottet, S. Freud e o Desejo do Psicanalista. Rio de Janeiro: Zahar, 1989

³⁹ Lacan, J. opus cit.

⁴⁰ Freud, S. Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise. Ed.Sandard Brasileira, v.22. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

assegurado pelo processo transferencial, ou seja pelo saber que o analisando supõe ao analista.

Não há clínica sem ética, assim como não há psicanálise sem psicanalista. Do psicanalista se exige o dever de “*saber manejar a transferência sem perder-se nela*”⁴¹. Falamos aqui, de um laço entre analista e analisando, entre um significante (significante da demanda), e outro significante que é convocado em nome do saber. Entre eles, está o desejo.

Freud no final dos “Estudos sobre a Histeria” diz que o objetivo da psicanálise, promovendo a suspensão do sintoma é transformar o “*sofrimento histérico em infelicidade comum*”. A psicanálise não faz falsas promessas, não visa a busca da felicidade. Ainda que a felicidade seja aquilo que os analisandos demandam, mas que seria a obtenção de um impossível. Se a felicidade chega, se é que chega, ela vem por acréscimo. Esta, sem dúvida, é uma perspectiva ética, que permite ao sujeito uma escolha. “*Recusamo-nos categoricamente a considerar o paciente que solicita nossa ajuda e se põe em*

⁴¹ Lacan, J. Escritos. São Paulo: Perspectiva, 1988.

Formação de Psicanalista

nossas mãos como um bem nosso. Não procuramos fazer seu destino por ele, inculcar-lhe nossos ideais ou modelá-lo à nossa imagem com o orgulho de um criador". Isto é o que nos diz Freud no seu texto sobre Técnica Psicanalítica. Ou seja, por mais tentador que seja, o analista deve resistir ocupar o lugar de mestre, cujo efeito pode ser uma cura sintomática que muito se distancia da análise. E não deve o analista, muito menos, tomar partido por uma das partes conflitantes do sujeito (Ideal versus Supereu), possibilitando assim, o encontro do sujeito com o desejo.

No texto de Freud sobre "O Ego e o Id" ele diz acerca do manejo da reação terapêutica negativa como algo a "*dar ao eu do paciente a liberdade para decidir por isso ou por aquilo*" e continua "*Talvez isso também dependa de que a personalidade do analista possa permitir ao paciente colocá-lo no lugar de seu ideal de ego. Isso envolve a tentação de o analista desempenhar o papel de profeta, salvador e redentor do paciente*"⁴².

⁴² Freud, S. O Ego e o Id. Ed.Sandard Brasileira, v.19. Rio de janeiro: Imago, 1980.

A psicanálise é perturbadora justo por confrontar o sujeito com seus conflitos psíquicos. O lugar da psicanálise é o da inquietação. Freud em sua Conferência 34 diz que *“não é tanto como terapia que gostaria de recomendar a psicanálise ao interesse dos senhores e sim por causa de seu conteúdo de verdade”*. Verdade libertadora.

A ética psicanalítica surge no cerne da relação entre psicanalista e analisando. É no ato psicanalítico que o sujeito é questionado sobre o seu desejo e da sua responsabilidade acerca dos seus sintomas e do gozo ali contido, ou seja, acerca de sua posição subjetiva que traduz uma escolha; escolha inconsciente; uma eleição. Escolha da neurose, diz Freud. Só confrontando o sujeito com sua eleição, o ato psicanalítico pode levá-lo a uma nova posição, uma retificação subjetiva.

O psicanalista, por outro lado, sente angústia – horror ao ato – porque faz um ato cujo efeito é imprevisível, em resposta àquele que quer saber a verdade e mais, que sua intervenção não vem dele, não é seu aquele ato, mas um ato analítico que ele faz sem saber, e que

Formação de Psicanalista

implica num retorno nele (analista) do saber recalçado do analisando. Só no a posteriori é que o analista pode subjetivar o seu ato e as razões dele no processo.

Em Psicopatologia da Vida Cotidiana, Freud havia dito que “*o sujeito realiza o ato sem pensar em nada, de maneira puramente acidental*”, Lacan diz que “*o que exprime o “não penso” do analista é a necessidade que torna a lançá-lo no des-ser*”.

“*Todo ato ultrapassa o autor que longe de cometê-lo, nele se encontra preso*”⁴³. O contrário, ou seja, ultrapassar o ato, seria o mesmo que predeterminá-lo. O ato analítico, diz Lacan, “*vem no lugar de um dizer pelo qual ele muda o sujeito*”. É justamente isso que gera um sentimento de incerteza no psicanalista: medo que os efeitos do seu trabalho o superem.

O desejo do analista é escamoteado pelo seu narcisismo, e diante dos reveses de um processo psicanalítico é debitado muitas vezes ao analisando, o seu fracasso, como se ao analista não coubesse responder sobre o seu ato.

⁴³ Mannoni, M. Um Saber que não se sabe. São Paulo: Papyrus, 1989.

A interpretação ética é aquela correlata ao estatuto do semidizer a verdade do sujeito, ou seja, ele deve ser sempre de caráter alusivo e nunca posta como saber.

Lacan, no seminário sobre os Escritos Técnicos de Freud diz que *“a palavra plena é aquela que indica, que forma a verdade, tal qual ela se estabelece no reconhecimento de um pelo outro. A palavra plena é a palavra que faz ato. Depois de sua emergência, um dos sujeitos já não é o que era antes. Por isso, esta dimensão não pode ser eludida na experiência analítica”* e continua Lacan, *“a transferência eficaz é simplesmente, em sua essência, o ato da palavra”*, ou seja, é a transferência que possibilita o acesso da palavra plena que surge nas dificuldades do discurso. A verdade desponta justo aí. *“Nossos atos falhados, são atos bem sucedidos”* diz Lacan no seminário sobre Os Escritos Técnicos de Freud *“nossas palavras que tropeçam são palavras que confessam. Elas, elas, revelam uma verdade de detrás”*.

Formação de Psicanalista

Outrossim, o inconsciente se fecha, diz Lacan, quando deixa de ser “*portador da palavra, porque já sabe ou acredita que sabe o que ela tem a dizer*”⁴⁴.

É o sujeito suposto saber que permeia as possibilidades de resoluções do enigma do sintoma. Posição imputada ao analista transferencialmente pelo analisando. Essa transferência é que cria uma promessa de cura e define os próprios critérios de analisabilidade e de resistências. Não podemos perder de vista que a transferência é uma incalculável fonte de resistência ao tratamento.

É procedimento ético, recomenda Lacan, as entrevistas preliminares prolongadas, quando se dão chances às manifestações da transferência num campo de total intersubjetividade, criando-se a situação analítica e a neurose de transferência (transferência de libido) do sintoma ao analista⁴⁵.

⁴⁴ Lacan, J. Escritos. São Paulo: Perspectiva, 1988.

⁴⁵ Freud, S.. Conferência XXVIII. Ed. Standard Brasileira, v.16. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

Diante da impossibilidade de saber, o analisando capta no Outro um significante qualquer que o sustenta como sujeito se identificando aí. Trata-se da transferência imaginária ou amorosa: “*Repetição de padrões afetivos devido ao estado de incompletude dos conflitos recalçados*”⁴⁶. Mas se o psicanalista acompanha seu analisando em suas cadeias associativas, estará apto, como disse Freud acerca da transferência, a “*se situar aí dentro uma vez que por ser objeto estará colocado em seu próprio centro*”⁴⁷. É deste lugar, lugar de objeto da pulsão e não mais da identificação, que o analista poderá operar no manejo da transferência. Trata-se de uma outra perspectiva da transferência, a transferência do sujeito suposto saber.

A experiência psicanalítica tem seu campo definido pela metaforização das pulsões onde o analista como semblante de objeto a favorece a resignificação, o surgimento do novo, via ato analítico (corte). Ou seja, dentro da relação analítica o analista se transforma em

⁴⁶ Freud, S. A Dinâmica da Transferência (1912). Ed.Sandard Brasileira, v.12. Rio de Janeiro: Imago, 1980

⁴⁷ Freud, S. opus cit.

Formação de Psicanalista

objeto *a* e fica preso na fantasia, fantasia que deve ser atravessada pelo analisando no seu processo de cura.

O processo psicanalítico tem seu eixo na transferência. O sustentáculo da transferência é o psicanalista. *“O desejo do psicanalista para além do narcisismo e ao contrário de qualquer posição de mestria é uma função que opera e não uma modalidade de pulsão que renuncia a usar o poder imaginário que lhe é dado”*⁴⁸.

Uma interrupção precoce de um processo analítico ligado à transferência negativa do paciente tem o seu correlato no prosseguimento indefinido de uma análise sem que nada de novo surja daí por conta da transferência positiva não resolvida do analista. *“Geralmente o analista não atinge em sua própria personalidade o grau de normalidade que ele gostaria que seus paciente obtivessem”*⁴⁹. A transferência negativa surge como efeito do manejo da transferência, ou seja, a transferência do

⁴⁸ Cottet, S. Freud e o Desejo do Psicanalista. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

⁴⁹ Freud, S. Análise Terminável e Interminável. Ed. Sandard Brasileira, v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1980

analista é por muitas vezes o maior responsável pelo término de um análise.

A destituição subjetiva vivida no término de sua própria análise é o que possibilita ao analista abrir mão de sua condição de sujeito no percurso analítico de seu analisando. A destituição subjetiva é o advir do sujeito que se confronta com a castração, com a falta-a-ser.

Para o analisando, a destituição subjetiva implica também em desalojar o analista do lugar de sujeito suposto saber e o deixa reduzido à condição de resto do processo analítico, quando nenhum significante vem a representá-lo (des-ser do analista).

“Saber haver-se com seu sintoma. Aí está o término da análise”, propõe Lacan a propósito do caráter irreduzível da neurose.

Ao final de uma análise subentende-se a destituição subjetiva e a travessia da fantasia correspondente, que a despeito da liberdade da escolha em relação ao gozo que ela favorece ao sujeito, encontra seu limite no rochedo da castração (angústia de castração no homem e inveja do pênis na mulher).

Formação de Psicanalista

O rochedo da castração diz da falha de um saber inconsciente, uma vez que nenhuma elaboração de saber é suficiente.

Atravessar a fantasia é confrontar-se com a castração escondida lá. É confrontar-se com a revelação de que não existe um significante sexual para um outro significante sexual: não há relação sexual. Antônio Quinet diz que a *“proposta analítica é levar o sujeito da impotência ao impossível da relação sexual”*⁵⁰.

É neste lugar que nos defrontamos com o irremediável, o incurável, que equivale à falta do Outro e à própria divisão subjetiva. O sujeito não se cura de sua divisão.

Lacan diz que *“O sujeito é chamado a renascer para saber se ele quer o que ele deseja”*, ou ainda, a possibilidade do analisando fazer seu um desejo próprio.

No final da análise, diz Mannoni, pode-se falar de uma *“ética da sublimação que se opõe às éticas do gozo, uma ética que recusa portanto qualquer posição de*

⁵⁰ Quinet, A. Psicanálise Cura? In: Maurano, D. (org.). Circulação Psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

domínio”⁵¹. Este movimento só é possível se o analisando renunciar ao que ele supunha em sua fantasia ser complemento, renunciar ao gozo e se permitir satisfações substitutivas.

⁵¹ Mannoni, M. Da Paixão do ser à "Loucura" de saber. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

Formação de Psicanalista

Caviar e psicanálise*

Nos tempos de “Brasil Novo”, não raro, ouvimos que a psicanálise teria que ser momentaneamente sacrificada, em nome de causas maiores, como se saúde mental não fosse de importância vital, e psicanálise e caviar estivessem em um mesmo plano, ou seja, itens supérfluos no orçamento doméstico. Devem voltar à moda, portanto, os discursos que estavam em voga nos anos setenta, sobre saúde mental e a importância de um investimento econômico nesta área que beneficiaria o nosso analisando (pão nosso de cada dia) e sua respectiva família.

Considerando o psicanalista um profissional liberal decadente (com crescente desvantagem financeira com

* Publicado na Revista Estudos de Psicanálise - Percursos Psicanalíticos. Belo Horizonte, a. 20, n. 13, p. 60-3, 1990.

Formação de Psicanalista

relação aos colegas médicos de outras especialidades) e que, como todos os outros, tem que se submeter às mesmas leis econômicas de um “collorido Brasil”⁵², é preciso se adaptar.

As concessões nos pagamentos vão surgindo e com elas as dificuldades transferenciais e contra-transferenciais, transformando os eventos especiais que envolvem as questões financeiras do contrato, em eventos corriqueiros, na medida que alteram ou introduzem elementos novos na situação analítica com crescente frequência. Se estas ocorrências são entendidas pelo analista que compreende que o contrato analítico está inexoravelmente subordinado a fatores culturais e entre eles a inflação, e se as interpreta no *timing* de forma adequada, podem torná-las úteis na questão transferencial. O que não pode ocorrer é a indiferença do analista em relação a situações, tipo inflação, pois a sua atitude se tornaria um sintoma que abriria um flanco no interior do vínculo analítico.

⁵² O presidente da República na época da publicação era Fernando Collor de Melo. Entretanto, as questões sócio econômicas abordadas no artigo permanecem atuais.

Em contrapartida, contra-transferencialmente, se o analista se impõe um ritmo de frustrações crescentes e se não as trabalha e elabora de forma correta, pode promover angústias que desencadeiam atitudes agressivas para com seu analisando a ponto deste desejar se afastar da situação analítica sem contudo provocar sentimentos de culpa no analista.

Se o analista decide atender seu cliente fazendo reduções de seus honorários, deve resolver os seus sentimentos contra-transferências para que eles não interfiram no processo psicanalítico, pois afinal, o dinheiro não pode ser destituído do seu valor simbólico enquanto material analítico.

Qual é, afinal, o lugar ocupado pelo dinheiro dentro do contexto analítico? Freud fez uma equivalência simbólica entre dinheiro, fezes, bebê e *falus*, apontando para as transformações da pulsão anal e portanto com caráter sexual. Por ser veículo de troca, elemento libidinal, tem relação com as questões da doação, retenção, agressividade e reparação. O dinheiro, uma vez com status de representação psíquica, desempenha um papel dinâmico

Formação de Psicanalista

no processo psicanalítico e é parte integrante da transferência.

Ella Sharp, certa feita, aconselhou os psicanalistas iniciantes que nunca se preocupassem em ganhar dinheiro, pois ele viria em seu devido tempo. No entanto, como não considerar as questões financeiras de um profissional liberal que vive de seus honorários, frutos do exercício de seu trabalho? Como não considerar que a moeda com que trabalhamos está longe de ter o valor da libra esterlina e que a palavra inflação ainda nos ameaça, na medida em que destrói a relação entre a moeda e seu valor?

Quando Freud em carta a Flies de 16.01.1898 define a felicidade como “*a realização retardada de um desejo pré-histórico* (isto é, infantil)” ele também acrescenta que “*o dinheiro não faz a felicidade porque não foi objeto de um tal desejo*”. Mais adiante concluímos, no entanto, que o dinheiro é o significante da falta e sem o qual, o objeto do desejo (a demanda analítica, que exige um custo) se faz inalcançável.

O dinheiro promove um certo mal estar no *setting* psicanalítico para analista e analisando, gerando angústias dos dois lados. O psicanalista para se defender desloca o dinheiro para fora do contexto analítico, considerando-o apenas, como objeto de troca e portanto vinculado ao contrato analítico e longe das questões transferenciais, esquecendo que ele, analista, não existe como pessoa mas como parte integrante das formações do inconsciente do seu analisando.

Não existem regras definidas pelas quais um analista possa cobrar e receber seus honorários. No entanto, é importante que ele reconheça os inúmeros significados do dinheiro, enquanto preenchimento ilusório, e não desloque o dinheiro do campo do desejo para o da necessidade, isolando-o dentro do contrato analítico e administrando-o apenas pelas Leis de Mercado.

O contrato psicanalítico é estabelecido como uma tentativa de definir-se de forma racional e justa os deveres e direitos entre dois adultos, em um sistema de trocas. O psicanalista oferece o seu tempo em troca de uma remuneração prefixada, ou seja, o analisando paga em

Formação de Psicanalista

dinheiro por essa disponibilidade e o ato de pagamento registra a cada vez, o desejo de análise que se renova e que nele se define o lugar do analista.

Os honorários do psicanalista, assim como de todo profissional liberal, deve ser de acordo com as suas necessidades básicas de sobrevivência, e o retorno dos seus investimentos libidinais na profissão, considerando os custos financeiros e afetivos de sua formação.

A psicanálise, ainda, sem dúvida, é uma mercadoria tão cara e luxuosa quanto o caviar, e o analisando acaba pagando alto na medida que o analista faz uma identificação projetiva se tornando uma figura voraz e ameaçadora, e reproduz, no nosso sistema capitalista, a violência de que é objeto, no seu analisando, estabelecendo uma relação sadomasoquista com ele. Daí a importância do contrato que tenta evitar esta violência que possa se estabelecer, no real, entre o analista e analisando.

O dinheiro torna-se uma questão delicada na psicanálise. Não apenas delicada, mas ambígua, pois o dinheiro, enquanto significante, é diferente do dinheiro que

permite ao analista o seu sustento, uma vez que, existe um outro preço a ser pago, o preço do sintoma do seu analisando. Este último, por vezes, é um preço tão alto que vale a pena trocá-lo por um outro bem, a análise, mesmo correndo o risco, em tempos inflacionários, de seu pagamento ultrapassar o preço do sintoma. Em contrapartida, o psicanalista paga com sua própria pessoa ao responder a uma demanda de amor do seu analisando, vendendo os seus serviços, numa sinistra fantasia de prostituição.

Quando os honorários são baixos, o paciente pode usá-lo para desmerecer o processo analítico, sabotando-o inconscientemente e não estabelecendo um vínculo adequado com o analista, ou ainda, pode sentir-se tão grato que frente à tamanha generosidade, poderá mobilizar sentimentos de culpa e muita raiva associados, ou não, a fantasias de que lhe serão cobradas pelo analista, compensações não-financeiras, pelo fato de ver existir desmedido interesse pessoal.

O psicanalista, muitas vezes, com o seu desejo de ser querido, cobra pouco, sentindo-se culpado por aceitar

Formação de Psicanalista

dinheiro em troca de seus serviços, e pode se transformar em uma vítima de seu próprio sacrifício, por se ver posto pelo analisando em um lugar de onipotência. Nesses casos, o psicanalista reage contra-transferencialmente de forma agressiva por não perceber do cliente as gratificações desejadas e se tornando intolerante às reações transferenciais negativas.

Outras vezes, o psicanalista impõe altos honorários sem abrir espaço para um ajuste compatível ao orçamento do seu analisando esquecendo que as questões financeiras são libidinais e com isso, se não impede o curso do tratamento, o dificulta, na proporção que cria expectativas milagrosas em produto tão caro.

Para alguns analisandos, elevados honorários podem desencadear gratificações masoquistas com a identificação do terapeuta com um objeto perseguidor. E para alguns psicanalistas o fato de cobrar tão caro gera sentimentos de culpa e o desejo obsessivo de mostrar serviço para justificar seus honorários.

Ao se estabelecer honorários, alguns analistas recomendam que, o limite máximo do analisando deve corresponder pelo menos ao limite mínimo do analista, devendo este último comunicar com a franqueza necessária o *quantum* que ele valoriza o seu trabalho.

Mesmo sabendo que o ato do pagamento não garante o desenrolar da análise e nem tão pouco evita as resistências, sabendo também que não são os honorários altos que farão o analisando trabalhar melhor seus conteúdos, acreditamos, no entanto, que é preciso que este pague algo, até para manter o seu sistema de sublimação.

Quando o analisando não paga com dinheiro acaba pagando com grande sentimento de culpa, impotência, ressentimento ou gratidão, dificultando as questões transferenciais e favorecendo as resistências, ou seja, o analisando acabará pagando mais caro do que aquilo que ele pode arcar. Um pagamento simbólico pode ser, nestes casos, de muita valia, na medida que permite que as vicissitudes transferenciais sejam trabalhadas na análise.

Formação de Psicanalista

E quando de uma mudança tão brusca nos destinos econômicos de um país inflacionário, com a recessão batendo a nossa porta (a porta do psicanalista também), é lícito interromper uma análise por falta de pagamentos? Creio que até por uma questão de sobrevivência do analista, e sem dúvida, só quando a relação entre analista e paciente supõe um vínculo mais consistente que permita acordos, as concessões são e devem ser feitas.

Não devemos perder de vista o momento psicanalítico do nosso cliente, o nível de relação transferencial e o seu nível de resistência e regressão, e avaliar a gravidade de abandoná-lo, ou não, às margens de uma estrada, no transcurso de uma viagem que já se iniciou, pelo fato de não ter o valor completo do seu bilhete. Devemos, entretanto, ficar atentos às conseqüências dessas concessões dentro da dinâmica psicanalítica e estabelecer limites e prazos, de acordo com as dificuldades peculiares a cada situação.

Por fim, como forma de negociar o alto valor da análise, é cada vez mais freqüente a solicitação do analista que seus honorários sejam pagos em espécie, fazendo com

que o dinheiro saia da sua dimensão econômica e exerça um outro papel, que vai além daquele desempenhado dentro de um sistema de trocas, deixando de ser uma abstração econômica (o cheque, com valor de recibo) para ter um valor concreto das custas de uma análise e com isso gera, enquanto objeto que circula, ora sentimentos de inveja e cobiça, ora sentimentos de dívida impagável por parte do cliente, ocupando o dinheiro, o lugar da angústia e garantindo, simultaneamente, os interesses econômicos e pouco analisados do analista.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BERLINCK, Manoel Costa. *O preço da clínica*. In: BERLINK, Manoel Costa (org.). *Psicanálise da Clínica Cotidiana*. São Paulo: Escuta, 1988.

CARPILOVSKY, José Carlos. *Reajustamento de honorários*. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. UFRJ. 1967.

COUTINHO, Ângela; KATZ, Chaim; BRASIL, Isidoro; BIRMAN, Joel; NAZAR, José; TEIXEIRA, Narciso; SOUZA, Neuza; LANDIM, Regina. *A questão do dinheiro*

Formação de Psicanalista

na psicanálise. In: MAURANO, Daniela (org.). *Agenda de Psicanálise*, Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

DEWALD, Paul. *O início da terapia e o contrato terapêutico*. In: *Psicoterapia, uma bordagem dinâmica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

ETCHENGOYEN, Horácio. *Contrato e usos culturais*. In: *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

KHAN, Masud. *On the clinical provision of frustrations, recognitions and failures in the analytic situations*. In: *Int. J. Psycho-Analysis*. London, 1969.

OLIVEIRA, Thais. *Cultura e crise social: influências nos rumos de deformações da psicanálise*. In: *Fórum Internacional de Psicanálise*, 8, 1989. *Anais... IFPS*: Rio de Janeiro, 1989.

SANTOS, José Jorge. *A situação triangular na análise subvencionada e sua repercussão na dinâmica do processo*. *Revista Estudos de Psicanálise*, Minas Gerais, n.4, p.90-9, 1970.

WEISS, Stanley. *The effect on the transference of special events occurring during psychoanalysis*. In: *Int. J. Psycho-Analysis*. Denver, 1975.

O DESAFIO DA SUPERVISÃO*

Esse texto é dedicado aos meus dois supervisores com gratidão: Adilson Sampaio e Carlos Pinto Corrêa.

*O analista se pedir à
prática que venha ilustrar a teoria corre o risco de não
mais ficar disponível para o imprevisto ⁽⁶⁾*

T.Reik

Diante da tarefa impossível de ser realizada, supervisionar psicanalistas, percebemos de forma inexorável, limitações que a psicanálise nos impõe e que decididamente nos afasta por completo de quaisquer resquícios do modelo médico. E começam os questionamentos. Questionamento acerca do que é fazer psicanálise e se a psicanálise pode ser ensinada, já que não pode ser transmitida da mesma maneira que a medicina, por exemplo. E sem dúvida, um dos maiores recursos para

* Trabalho publicado na Revista Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte, n.18, p.74-80, 1995.

Formação de Psicanalista

se abordar o momento da dúvida, da resistência e da contra-transferência, da interpretação e do *furor curandis* do psicanalista, é o espaço, ainda que restrito, da supervisão.

A transmissão em psicanálise é única e é exclusivamente a transmissão de uma experiência analítica, e portanto pertence ao campo do testemunho. Não se transmite o ato psicanalítico. Ele é sempre uma criação singular vinculado mais à ética do que a técnica (PIMENTEL, 1991).

Tentando levantar os critérios da supervisão nos deparamos com a ausência deles e nos defrontamos com o fato de que a supervisão, esta sim, é que é um dos critérios da formação psicanalítica, instituído desde a fundação da Policlínica Psicanalítica de Berlim por Max Eitingon em março de 1920, e que é hoje exigido por todas as instituições, na medida que o desejo de ser analista por si só, não dá ao candidato as devidas qualificações para tal e tampouco não basta ser analisado para tornar-se um psicanalista.

A prática da supervisão, no entanto, ela é anterior às exigências de ordem institucional, como uma demanda espontânea daqueles que se encontram em dificuldades na sua clínica, e como bem é atestado desde os primórdios pela correspondência entre Freud e seus discípulos, e mantida como prática dentro e fora das instituições até então.

Com Max Eitingon a supervisão tinha um rigor que passava, de fato, pelo controle, na medida mesmo em que o supervisor era o responsável pelo “caso” do supervisionado podendo até mesmo em condições extremas assumi-lo se considerasse que o seu pupilo não tinha ainda condições para tal.

O termo controle, portanto, deve ser abolido por remeter a idéia da supervisão a um domínio de um terceiro, tal qual no passado, criando-se impasses que longe de ajudar o jovem psicanalista, aumentam seus conflitos, na medida que a análise em curso está sendo levada pelo analista de controle, através das interpretações progressivamente impostas.

Formação de Psicanalista

Já se vão muitos anos de análise, estudos e supervisões desde o Instituto de Berlim. E há muito que já nos damos conta que a transmissão da psicanálise passa ao largo da pedagogia ao renunciar a um conhecimento “pronto” em favor de um outro “por vir”.

Foi Michael Balint em 1948 que nos apresentou ao conceito de “*trabalho prático sob supervisão*”. A prática se propunha a ajudar o jovem psicanalista, sem se por como vigilante tampouco, a se desvencilhar das identificações com o seu analista e da vigilância do próprio superego, ou ainda, o supervisor ajudaria o jovem analista a se desembaraçar do estilo do seu analista e do seu próprio (supervisor) e quem sabe, renunciar à possibilidade de adotar qualquer outro.

O encontro com a prática de analistas diferentes que não o seu próprio analista, é a possibilidade de não fazê-lo prisioneiro de um só mestre, a partir de novas identificações menos conflituosas e ainda, oportunizaria, ao jovem psicanalista, a chance de se desfazer das idealizações e identificações narcísicas, talvez não de todo,

mas ao menos percebê-las e por vezes, evitar as ciladas por elas armadas.

O termo supervisão nos remete portanto, a uma práxis referida a um terceiro, que não é responsável pelo “caso” em questão, como antes, e promove diante desta testemunha, a possibilidade para que o jovem psicanalista se confronte, mais uma vez, com o rochedo da castração, através das vicissitudes que a clínica lhe impõe .

DEMANDA

De um lado existe a necessidade de se falar da experiência psicanalítica a um outro psicanalista mais experiente, na tentativa de compreender melhor a transferência do seu analisando, e de outro, a exigência da instituição que isso ocorra sob a forma de supervisão e como uma etapa, a ser cumprida, da formação psicanalítica.

O jovem analista quer também se certificar de que é capaz de sustentar a sua posição de psicanalista e deseja

Formação de Psicanalista

ser reconhecido pelos seus pares. Cria-se aí uma tensão entre demanda do psicanalista e a demanda criada pela instituição deste psicanalista em formação e que diz respeito aos laços com a sociedade, desejo e condições de pertencimento.

Do lado do jovem analista, existem uma série de impasses que o faz desejar um terceiro – alguém que ele supõe ter as respostas que ele deseja – que testemunhe a sua função de analista e a forma como ele lida com suas próprias defesas maníacas mobilizadas pelo seu analisando, seus pontos cegos, sua contra-transferência, que podem impedi-lo a uma escuta analítica.

Afinal só existem dois psicanalistas conhecidos deste jovem analista, e mesmo assim sob um opaco véu: o seu próprio analista e ele próprio começando a ser posto neste lugar pelos analisandos que o procuram. Parece muito pouco. Devem existir formas de um psicanalista não se sentir tão sozinho. Na sua prática abre mão de si mesmo, destituído de referências, ocupando um lugar, delegado pelo seu analisando, de suposição de saber, em

nome da verdade do sujeito do analisando. Está só. Esquecido de si mesmo, às vezes desconfortavelmente só.

É preciso ter mais referências, é preciso ter um espaço próprio acerca destas experiências, onde suas dúvidas, entusiasmos ou angústias, que lhe revelam nada saber sobre o seu paciente, tenha eco. A instituição por si só não responde a essa demanda e o recurso é, por excelência, a supervisão.

Tampouco falar disso na sua análise é o suficiente, pois na supervisão ele estaria falando e compartilhando com um colega numa posição de iguais sobre questões que inquietam a ambos, ainda que seja difícil negar as questões transferenciais que irão aí também se estabelecer e que até definiram algumas vezes a escolha do supervisor.

A supervisão, por conseguinte, seria uma chance dupla de troca, do supervisor e do supervisionando. Uma janela possível acerca do funcionamento dos dois, diante de uma prática inquietante, imprevisível e sem garantias por tratar-se sempre do inconsciente, e põe ambos em movimento, movidos pela mesma demanda: a

Formação de Psicanalista

impossibilidade da tarefa de psicanalisar e/ou supervisionar a psicanálise. Trata-se assim, não de um ensino, mas de uma confrontação e reconhecimento mútuo entre dois psicanalistas.

Acreditamos que quer por exigência institucional, quer não, a supervisão se constitui de fato em um pilar da formação analítica, tal qual a própria análise do psicanalista em formação, numa possibilidade deste jovem se defrontar com a ética da práxis analítica, se autorizando por seu próprio risco a ela e às suas vicissitudes, diante de uma testemunha a quem ele atribui um saber sobre a teoria e a prática.

Quando um jovem analista escolhe um supervisor como alguém que “sabe” e que pode lhe transmitir este saber, ele sustenta ilusoriamente, com a sua relação transferencial, o lugar impossível do seu supervisor, que por sua vez, lhe transmite algo não sabido por ambos, abrindo a possibilidade de algo sobrevir até que o supervisionando possa se dar conta que *“sua experiência é feita dos efeitos dos seus atos”* como dizia Moustapha Safouan (1984) e que a supervisão faz com que ele perceba

que suas intervenções constituem um ato psicanalítico, que o seu papel é *“re–inventar a psicanálise à nível da prática, é reconstruir sua própria experiência”*, é continuar sua busca de saber para mais além.

SUPERVISÃO OU DISFARCE DE ANÁLISE ?

Os limites do processo analítico são fronteiriços aos da supervisão, principalmente em referência ao desejo do analista (desejo de saber). Alguns dos efeitos da supervisão são, por vezes, próximos aos de uma análise, apesar de outros serem específicos da supervisão e só serem obtidos através da sua prática.

Quando se procura uma supervisão, o sujeito vem em busca de um saber que supõe que o supervisor o tenha e lhe transmita. A supervisão, neste contexto, é um ato analítico, pois envolve desejos inconscientes, transferência manifestada na busca de resposta no supervisor, de algo que não se sabe, e faz ato, na medida em que o supervisor não responde à demanda do jovem analista com um saber

Formação de Psicanalista

pronto e permite que ele continue sua busca em uma franca transferência de trabalho.

Muitas vezes, no entanto, a supervisão encobre uma outra demanda, a terapêutica, sem que no entanto, o jovem psicanalista perceba. Enquanto isso, na sua análise, falar de seus pacientes nem sempre constituir-se-á uma resistência, ainda que o oposto seja verdadeiro, ou seja, as resistências podem ser mantidas falando-se de qualquer coisa, inclusive pacientes e é preciso falar disso também, sob pena destas resistências não terem a chance de serem percebidas e elaboradas.

Ser psicanalista para Conrad Stein (1992, p.27) é *“não ser curado e nem formado”*, mas capaz de prosseguir sua análise para além do tempo das sessões que se teve enquanto analisando. O jovem psicanalista após sua análise, e graças a seus analisandos, vai perceber o quanto permanece exposto ao inconsciente, e na medida em que se dá conta que funciona com referências que ele desconhece e que o governam sem que ele saiba. A supervisão vem, assim, se inscrever em uma continuação que faz parte da análise do psicanalista, e ela, de fato, toma

uma dimensão de busca, analítica portanto, até porque, lá serão também questionadas as razões da sua escolha por tornar-se psicanalista e os valores de um psicanalista. Neste momento o trabalho da análise e da supervisão se superpõem, e começa o jovem analista, a dar prioridade aos conflitos dos seus próprios analisandos e não mais aos seus, ficando difícil sustentar a prioridade da sua análise, tornando-se de fato, algumas vezes, a expressão de suas resistências a um aprofundamento de sua questões pessoais.

Muitas vezes o analisando suscita no seu jovem psicanalista conflitos e questões transferenciais que o remetem à sua própria análise e que envolvem o seu próprio psicanalista, o seu supervisor, ou a própria psicanálise. Não há nada mais adequado, senão o fato de, paralelo à sua análise pessoal, o jovem analista escolha um outro espaço para falar de sua transferência e das vicissitudes da sua prática clínica: a supervisão. Note-se, no entanto, que a contra-transferência apesar de ser percebida e falada na supervisão, ela tem um *setting* mais privilegiado para ser elucidada: a análise pessoal desse

Formação de Psicanalista

analista. Esta afirmação nos leva a postular que o ideal é que a análise pessoal se prolongue pelo tempo da supervisão, favorecendo uma análise da contra-transferência que tem a capacidade de obstruir a evolução do trabalho psicanalítico do jovem analista com seu analisando. A análise da contra-transferência e dos pontos- cegos do analista não são objetos de trabalho na supervisão ainda que possam ter sido detectados aí.

Em contrapartida, diante de um determinado impasse ou conflito do analista, desencadeado pelo material do analisando, é preciso que o supervisor também não deva tratar o seu supervisionando como um “caso clínico” seu, interpretando sua contra-transferência. A recomendação é que este supervisor, no máximo, indique ao jovem analista o caminho de sua análise pessoal. Considerando a supervisão mais uma fonte geradora de angústias, é preciso que o supervisor deva manter isenção e neutralidade, de sorte a não interferir no curso da análise pessoal do seu supervisionando aumentando seus conflitos.

Por vezes também, o supervisionando empreende uma supervisão racionalizada, defensiva, e por isso mesmo

bem disfarçada fica a sua demanda terapêutica que se furta à uma análise, na tentativa de manter um distanciamento “seguro” do seu supervisor. Escondendo-se na correlação prático-teórica, revelando muito pouco da sua prática clínica, esta supervisão na realidade seria, sem dúvida, uma forma possível de retomar à sua análise sem no entanto submeter-se a ela (ZALTZMAN, 1992).

É definitiva a afirmação que a análise de um psicanalista é de caráter interminável, na medida que seu processo de análise pessoal tem continuidade na análise que ele empreende com os seus analisandos.

VICISSITUDES DA SUPERVISÃO

Freud se referia ao *furor curandis* e ao *orgulho terapêutico* como expressões práticas do poder que deviam ser evitadas. Em alusão a isso, Jean Paul Valabrega (1983, p. 46) recomenda acerca do *orgulho didático* e nos diz que “a análise só é possível no interior de um campo de suspensão de renúncia ao exercício do poder”. A

Formação de Psicanalista

supervisão de uma análise deve se submeter à mesma renúncia, no sentido de permitir que a análise do analisando ocorra, ou seja, que esta análise, por estar sendo objeto de supervisão, não faça jus ao ditado tão difundido no meio psicanalítico “*análise controlada, análise fracassada*”. Sabemos que quanto maior o interesse do jovem analista por seu analisando, cuja análise é o objeto da supervisão, mais sua atenção flutuante ficará comprometida, mais fácil sairá de sua pretensa neutralidade e deixará de ser analista.

É fundamental que o jovem psicanalista aprenda a escutar seu paciente e a si próprio (sua contra-transferência) e que o supervisor não queira tampouco ocupar o lugar do seu supervisionando, impondo sua fala a seu analisando. Um supervisor não pode entrar em competição com o analista do analisando em questão, sob pena de inviabilizar a supervisão.

Para que o supervisor possa empreender sua tarefa, se faz necessário também, que o jovem psicanalista faça um relato da sua escuta das sessões com o seu analisando, as suas associações e intervenções, da forma mais fiel

possível. Ainda assim, com certeza, não conseguirá dar conta da situação em que se fez testemunha, até porque é impossível mesmo, transmitir a experiência analítica e a sua singularidade. Outras razões essenciais que dificultam o relato dizem respeito ao inconsciente do próprio analista, que entre outras motivações pode estar se sentindo intimidado pela figura do supervisor e ou exigência institucionais que se revelam autoritárias, repressivas e ao mesmo tempo, quase sempre, sedutoras.

O pedido mais comum em uma supervisão é aquele de como se formula uma interpretação. O jovem psicanalista, conhecedor que é da teoria freudiana, sabe que as possíveis variáveis interpretativas de uma demanda é que tornam possível o processo psicanalítico via transferência, tendo a interpretação o seu papel decisivo de desmontar defesas inconscientes e sempre renovadas que inviabilizam mudanças.

O jovem psicanalista acredita que o seu supervisor tenha consigo a interpretação mágica ou a interpretação mais completa, como se as interpretações obturassem os questionamentos e não houvesse uma gama de

Formação de Psicanalista

interpretações possíveis para uma mesma situação transferencial e como se fosse possível a eles (analista e supervisor) uma única forma de reagir diante daquele material, ignorando assim, as experiências analíticas singulares de cada um.

As supervisões devem resgatar as postulações de Bion que sugerem ao analista trabalhar com o material do seu analisando “*sem memória, sem desejo e sem compreensão*”, atitudes estas que se condensam na atenção flutuante. A supervisão implica, nesse momento, um risco concernente a ocupação do supervisor no lugar do mestre, lugar este delegado pelo jovem analista que demanda um saber sobre o seu analisando. Se o supervisor assume este lugar, o jovem analista ao aprender a linguagem do supervisor, renuncia à experiência do seu inconsciente e que lhe permite, segundo Lacan, “*reconhecer a lei do seu ser*”, ou seja, a interpretação adequada chega num dado momento. Ainda sobre interpretação, Reik (1951) diz que, quando a interpretação deixa de se ligar à análise do analista, ela se converte num discurso para convencer e com isso perde sua função, de revelação.

Acerca da afirmação de Lacan sobre o modo de operar da interpretação, ou seja, pelo equívoco que ela, enquanto metáfora, produz, fazendo surgir novos significantes ligados ao sintoma, Manoni (1989, p.95) comenta que o último significante a ser lançado na cadeia do sintoma seria o lugar da “*fala atada*”, lugar que “*o sujeito é conclamado a nascer e a reconhecer a posteriori o que ele sabia sem saber*”.

Com frequência, o jovem analista após a sessão de supervisão, e diante do seu analisando, percebe com grande angústia que este é um desconhecido, ou seja, não é a mesma pessoa cujo caso é discutido na sua supervisão, e mais, que os conhecimentos lá adquiridos não se aplicam cá. Na medida em que a análise tem um dinamismo muito particular, ainda que ele creia ter obtido algum conhecimento sobre o seu analisando, mesmo assim, não serão conhecimentos aplicáveis, pois as sessões jamais se repetem, criando sempre uma nova situação onde, citando Carlos Pinto, as “*interpretações de botão*” não funcionam. Portanto, a finalidade do supervisor não é oferecer modelos de interpretação, mas oferecer uma chance ao

Formação de Psicanalista

jovem analista de exercitar e desenvolver sua percepção e elaboração acerca do material clínico com que ele lida.

O jovem psicanalista sabe que se faz necessário um outro, o supervisor, para testemunhar a sua experiência e para que ele se dê conta de suas limitações. Neste processo, é mister que o jovem psicanalista perceba os riscos que ele terá que arcar e com as interpretações que terá de formular de efeitos imprevisíveis, sem que tenha alguém com quem partilhe ou mesmo atribua suas intervenções. É preciso compreender que em certas circunstâncias os erros que possa vir a cometer não são definitivos, pois não raro se percebe, algum tempo depois, que o “*erro*” foi o que de melhor poderia ter se dado naquele contexto.

Quanto ao supervisor, as sessões de supervisão passam a ser uma forma de rever o seu próprio caminho, reencontrar-se com o seu desejo, articulando a teoria freudiana com sua experiência analítica, sua prática, constituintes do seu trajeto e que ora se confronta com o desejo de saber de um jovem analista. Sem dúvida é um processo que promove transformações em ambos.

Supervisionar é desafiante, porque põe diante do supervisor um material novo e o provoca às associações, como que diante de um enigma a ser decifrado e cujo papel a ser desempenhado é estimular o jovem psicanalista a pensar e não acumular conhecimentos, mas elaborar a experiência analítica que é sempre única e se renova a cada sessão, recriando sempre a psicanálise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Mannoni, M. Da Paixão do Ser a “Loucura” de Saber. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

Pimentel, D. Quem Sabe? Jornada do Círculo Psicanalítico da Bahia, 5. 1991. Anais... Salvador: CPB, 1991.

Reik, T. Listening With the Third Ear. York, USA: Garden City Books, 1951.

Safouan, M. Respostas a algumas questões relativas a análise de Supervisão. Revista Clínica Psicanalítica, Rio de Janeiro, n.2, 1984.

Stein, C. et alli. A Supervisão na Psicanálise. São Paulo: Escuta, 1992.

Formação de Psicanalista

Valabrega, J. P. A Formação do Psicanalista. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Zaltzman, N. Demanda de Supervisão e Resistência à Análise In: Conrad Stein (org.) A Supervisão na Psicanálise. São Paulo: Escuta, 1992.

OS IMPASSES DA SUPERVISÃO*

Se continuo presa ao tema da supervisão é por estar sendo provocada pelo lugar impossível que ocupo.

Esse texto é dedicado às
Minhas supervisionadas.

Ninguém se faz analista porque está em análise ou tampouco se aprende a ser analista através de uma supervisão. Por outro lado, a proposta de uma supervisão não é necessariamente apenas acompanhar um caso clínico com alguém mais experiente do lado. Quando Freud, em 1937, no seu escrito “*Análise terminável e interminável*”, se questionava onde o *desgraçado aspirante* iria adquirir qualidades ideais para o exercício de sua prática analítica, ele realmente punha a análise pessoal deste jovem analista como uma condição essencial.

* :Publicado no livro Déborah Pimentel (org) A Clínica Psicanalítica Hoje. Jornada Norte Nordeste do Círculo Brasileiro de Psicanálise, 2; Jornada do Círculo Psicanalítico de Sergipe, 4, 1995. Anais... Aracaju.. Círculo Psicanalítico de Sergipe/Escola Técnica Federal de Sergipe, 1995, p 60-4.

Formação de Psicanalista

Mas Freud nos disse também, que não basta ser analisado para tornar-se analista. Ele estava aí lançando a idéia da necessidade do candidato romper com o estilo e identificação com o seu próprio analista, não se fazendo prisioneiro de um só mestre, e também com os modelos e exigências de ordem institucional, buscando um caminho próprio, identificando-se na condição de psicanalista, conferindo um desejo elaborado na sua análise pessoal. Diante do seu analisando, é desejável, que este possa se dar conta do seu próprio inconsciente, tocado, inúmeras vezes, pelo material que lhe é oferecido, e que lhe remete, sempre, à sua própria análise.

Ainda que a prática psicanalítica varie de acordo com as doutrinas teóricas vigentes e com o estilo pessoal de cada analista, o seu método é bem definido e através dele nos reconhecemos praticando a psicanálise, uma vez que *setting*, divã, associação livre, atenção flutuante, abstinência, manejo de transferência e interpretação, são referenciais técnicos universalmente conhecidos. O mesmo já não se pode dizer com relação à supervisão, pois falta uma metodologia específica a despeito da supervisão

ser tão importante e funcionar como critério na formação analítica e sua exigência unanimidade entre as instituições.

As motivações para a supervisão são de ordens diversas. Diante dos impasses da clínica, o analista se sente muito só, destituído de suas referências, esquecido de si mesmo, com necessidade de procurar um terceiro (quer seja a comunidade onde está inserido, quer seja um supervisor) para que testemunhe a sua função de analista. Alguém com quem possa partilhar suas experiências ou ainda elucidar seus pontos cegos tocados pela história do seu analisando e que bloqueiam a sua escuta analítica.

Por outro lado, existe também a exigência da instituição que cobra a supervisão como um critério da formação psicanalítica a ser cumprido. Qual seria então a melhor hora para iniciar a supervisão? O jovem analista certamente não terá nenhuma outra oportunidade, salvo na sua própria experiência analítica, de se confrontar com as questões que envolvem a disparidade das relações entre oferta e demanda e o que daí pode advir. Dentro de uma visão ética dir-se-ia que só se é psicanalista para quem quer ser seu analisando. A supervisão se daria portanto,

Formação de Psicanalista

como uma chance, ímpar, de se perceber tendo uma experiência da prática clínica; se dar conta de suas intervenções que sustentam o ato psicanalítico; conhecer seus limites a partir de sua própria história e dos seus referenciais; ratificar o lugar que ele ocupa, delegado pelo seu analisando, e ainda, ser reconhecido no confronto com a prática de um outro analista.

Para entender as questões inerentes a uma supervisão é preciso entender também os seus objetivos. Para que serve uma supervisão? Do que ela trata, senão dos fenômenos transferenciais e contra-transferenciais que instalam, às vezes, algumas dificuldades que bloqueiam o desenrolar de um processo diante das identificações imaginárias? O objetivo de uma supervisão é criar possibilidades para o jovem analista identificar a transferência, não se deixar capturar por ela, sob efeito de sua contra-transferência, se permitir rever seus próprios pontos cegos, e o que é mais importante, renunciar diante do seu analisando o seu próprio desejo e a qualquer categoria de poder.

A supervisão, às vezes, é o único lugar possível de se perceber elementos que em última instância pertencem à

análise pessoal do analista e que podem estar conduzindo o processo do seu analisando por veredas indesejáveis. No entanto, um processo de supervisão não autoriza o supervisor a interpretar o jovem colega, arvorando-se do papel de seu analista. No máximo, cabe ao supervisor identificar aspectos contra-transferenciais.

Às vezes, o analista de um determinado sujeito, se flagra experimentando certas emoções ou tomando certas posições que lhe surpreendem e que, de alguma sorte, dizem respeito à necessidade do seu analisando. Pode ser que aquele analisando esteja de fato mobilizando antigos conflitos do analista, mas pode ser também um efeito daquilo que o seu analisando projetou nele. Daí a necessidade de se discriminar a contra-transferência da contra-identificação projetiva, que é, bem verdade, um aspecto contra-transferencial, provocado pelo analisando, que torna o analista um objeto passivo de suas projeções. A contra-transferência, ainda que identificada na supervisão, é problema da análise, mas a contra-identificação projetiva é questão a ser abordada com o supervisor.

Formação de Psicanalista

O supervisor deve-se fazer entender pelo jovem analista quanto a importância de que tal qual a psicanálise, a supervisão requer um enquadre próprio com o objetivo de salvaguardar o processo de quaisquer interferências por ambas as partes e marcar com o enquadre a diferença dessa nova experiência, da experiência psicanalítica, uma vez que o jovem analista tem, às vezes, uma necessidade de colocar o seu supervisor no lugar de analista, escamoteando uma demanda analítica.

O supervisor deve-se fazer entender pelo jovem analista quanto à importância de que, tal qual a psicanálise, a supervisão requer um enquadre próprio, com o objetivo de salvaguardar o processo de quaisquer interferências por ambas as partes e marcar com o enquadre a diferença dessa nova experiência, da psicanalítica, uma vez que o jovem analista tem, às vezes, uma necessidade de colocar o seu supervisor no lugar do psicanalista, escamoteando uma demanda analítica.

Algumas condições de enquadre dizem respeito aos horários, que devem ser preestabelecidos, e a regularidade das sessões. Esta forma de trabalhar, dentro de um enquadre, favorece o entendimento que o jovem analista

terá, e a sua futura interpretação, de faltas ou atrasos que o seu analisando, porventura, promova. Os honorários devem ser tratados da mesma forma e o supervisor deverá cobrar o mesmo que cobra pelas suas horas de análise.

O supervisor deve tentar conhecer a forma e a dinâmica do trabalho exercido pelo seu supervisionando que podem trazer implicações em um processo psicanalítico por ele “conduzido”. Daí a importância de se ter informações, tais como: o ambiente físico que o supervisionando trabalha, se numa clínica com outros especialistas, em um consultório, se na sua própria casa, com ou sem recepcionista, quem recebe o cliente, disposição dos móveis, e ainda, como seu analisando interage com aquele espaço.

O processo de supervisão se inicia quando o jovem analista está preparando, logo após as sessões, suas anotações. A experiência analítica é impossível de ser compartilhada ou transmitida a um terceiro, o que gera um impasse: as anotações que tentam capturar em um registro as sessões clínicas serão sempre infieis. O importante, no entanto, não são as anotações, mas o que de cada sessão

Formação de Psicanalista

foi percebido como dificuldades. Logo aí, na tentativa de levar algo para seu supervisor, o jovem analista terá a chance de repensar sobre o que na sessão ocorreu e vai dar conta de aspectos que não conseguiu perceber no transcurso dela, mas que agora podem ser elaborados. Vai ter oportunidade de fazer uma análise de suas intervenções e as razões conscientes e inconscientes que as motivaram. Na hora do encontro com o supervisor, grande parte do processo de supervisão já transcorreu, sem que o supervisionando tenha percebido.

Poderá ser enriquecedor para supervisionando e supervisor, se este último puder falar do seu próprio trajeto, afinal a supervisão é uma via de mão dupla. Supervisor e supervisionando acabam sendo, juntos, observadores de uma experiência clínica que enriquece a ambos e promove um reconhecimento mútuo.

Um supervisor ao dar sua versão de uma interpretação, revelando seu jeito de elaborar o material clínico, pretende, em regra, apenas provocar as associações do seu supervisionando acerca do caso, levando o jovem analista a considerar seu próprio auto conhecimento, porque afinal, a finalidade do supervisor não é oferecer

modelos de interpretação, mas oferecer uma chance ao jovem analista de exercitar e desenvolver sua percepção e elaboração do material com que ele lida na clínica. Por outro lado, se o supervisor expõe sua forma de trabalho com o intuito de revelar alguma verdade com postulações dogmáticas, provocará imensa angústia no seu supervisionando, bloqueando as possibilidades de sustentação do trabalho clínico do seu jovem colega.

Na realidade, a supervisão não é nenhuma aula de como se faz análise, pois o jovem analista “aprende” na prática, numa experiência arriscada que se consolida com os efeitos dos seus atos e sem garantia com relação aos erros. Cabe ao supervisor um papel secundário: de testemunha. O caminho de uma cura é lento e o psicanalista solitário terá que responder pelos seus atos que lhe provocam tanto horror por serem imprevisíveis os seus efeitos. Terá ainda que se lembrar quão nociva pode ser a sua obstinação terapêutica e o orgulho terapêutico, a que Freud se referia algumas vezes, e que o analista precisa resistir a uma necessidade de gratificar, quer os desejos do seu analisando, quer os seus.

Formação de Psicanalista

A supervisão, como a psicanálise, traz riscos que precisam ser identificados. O primeiro deles é a confusão que pode se estabelecer entre os limites tênues da supervisão e da psicanálise do supervisionando, quer por dificuldades do jovem analista, que pode estar encobrendo com a supervisão uma demanda de análise, que por parte do supervisor que pode confundir o seu papel.

Uma outra dificuldade que se vislumbra, também já abordada aqui, é inerente ao supervisor e ao seu desejo de exercer um controle sobre o caso clínico do seu supervisionando, tornando-se efetivamente responsável pelo seu sucesso ou provável fracasso, na medida que sua palavra pode ter efeitos diretos no analisando do seu jovem colega. É preciso que o supervisor mantenha um certo afastamento, não rivalizando com o colega e não ocupando de forma fantasmática seu lugar, com a sua fala, assujeitando-o.

A supervisão, ainda que em algumas situações seja uma exigência institucional, é de fato um tempo além das sessões com o seu analisando, diante de um terceiro, que favorece ao jovem analista a compreensão de sua prática e os componentes aí envolvidos, e que dizem

respeito à técnica, à escuta e ao manejo da transferência.

Se a supervisão se dá como exigência institucional tem, sem dúvida, valor de reconhecimento, fortalecendo a identidade desse analista. Por outro lado, corre o risco de uma formalização que pode ir de encontro ao desejo do sujeito.

Alguns jovens analistas se sentem ansiosos e pressionados pela supervisão e querem “dar conta” de tudo o que ocorre numa sessão, ou pode ocorrer o oposto, sentem-se inibidos diante do lugar que precisam ocupar frente ao seu analisando. Uma ou outra alternativa, leva o jovem analista aos impasses, quer interpretando maniacamente e fazendo longas construções, quer negando o entendimento que conseguiu sobre o material trazido pelo seu analisando, e com isso, ou faz intervenções inadequadas, ou se recusa a interpretar.

Existem também aqueles analistas em supervisão que tentam sabotar o processo por conta da inveja suscitada pelo seu supervisor, comportando-se de forma crítica ou agressiva.

Formação de Psicanalista

Lembramos ainda, aqueles casos em que o supervisionando tenta oprimir e checar o seu supervisor, demonstrando superioridade, por acreditar ser, o supervisor, um rival. É possível que se trate apenas de uma fantasia persecutória suscitada pela experiência da supervisão, ou ainda, é preciso que o supervisor reveja que posição afinal ele ocupa no processo.

As idéias persecutórias podem se manifestar também, de uma outra forma, na medida que o jovem analista se sinta invadido, quaisquer que sejam as suas razões, pelo seu supervisor, e isso se constitua uma ameaça. Nestes casos, defender-se-á nas sessões de supervisão, preenchendo todos os espaços e cassando a fala do supervisor.

É preciso que o supervisor perceba o espaço que ocupa no imaginário do seu supervisionando. A psicanálise com a sua teoria e possibilidades que envolvem a técnica, tem um único objetivo que é a apreensão do inconsciente. O que talvez, a supervisão possa, de melhor, oferecer, seja a chance de articulação de vários aspectos, tais como, a prática que transcorre em um processo entre o analista e o seu analisando, a teoria adquirida nos seus

estudos e a sua própria história, incluindo aí, o analista, o supervisor e a sua instituição. São, de fato, muitas variáveis que se combinam e não de se manifestar dando à supervisão um caráter específico e um estatuto de impossibilidade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Mannoni, M. Da Paixão do Ser a “Loucura” de Saber. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

Pimentel, D. Quem Sabe? Revista Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte. v. 16, out. 1993.

Reik, T. Listening With the Third Ear. York – USA: Garden City Books, 1951.

Safouan, M. Respostas a algumas questões relativas a análise de Supervisão. Revista Clínica Psicanalítica. Rio de Janeiro, n.2, 1984.

Stein, C. et alli. A Supervisão na Psicanálise. São Paulo: Escuta, 1992.

Valabrega, J. P. A Formação do Psicanalista. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Zaltzman, N. Demanda de Supervisão e Resistência à Análise. In: Stein, C. (org) A Supervisão na Psicanálise. São Paulo: Escuta, 1992.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

LAÇO SOCIAL E MAL ESTAR*

O movimento psicanalítico sempre foi muito dinâmico, com transformações constantes, quer no imaginário coletivo criado a partir da difusão da psicanálise, quer no campo da produção simbólica, com dois eixos principais, a transmissão da psicanálise e a formação dos psicanalistas.

O campo psicanalítico é marcado pela heterogeneidade e pelos conflitos que inclui uma produção teórico-clínica diversificada que varia de acordo com o que cada grupo supõe como concepções em direção da cura e as diferentes perspectivas sobre formação do analista.

Para superar o mal estar e alimentar a criação e o movimento psicanalítico, as instituições perceberam rapidamente a importância de se romper com o

* Publicado no INFORME- Informativo do Círculo Brasileiro de Psicanálise, 2º semestre de 2003 Bhorizonte p.06

dogmatismo. Hoje elas conseguem dialogar, conviver e crescer com as diferenças de orientação teórica. Já não disputam o posto de herdeiros de Freud. Todos já se aceitam irmão, filhos do Criador.

A partir do momento que as instituições psicanalíticas divulgam a psicanálise junto ao público leigo, cria-se uma demanda de saber e de práticas que incluem promessas ilusórias de felicidade. Daí então, a produção teórica da psicanálise já não se restringe às instituições psicanalíticas.

Temos percebido que enquanto prática e um laço social (discurso), a cultura tende a se inserir em montagens perversas. Surge um novo mal estar com o aparecimento de grupos que ignoram até o tripé básico da formação (análise, estudos teóricos e supervisão da práxis) e fere os princípios da psicanálise. Mesmo reconhecendo que não existe laço social perfeito e que não há garantias que a reunião de membros de um determinado grupo em nome da psicanálise é compatível com o discurso analítico, ainda assim eles nos assustam.

Formação de Psicanalista

A difusão da psicanálise no Brasil, com a proliferação de institutos e grupos de estudos, chegou ao limite da saturação, e agora se banalizou. Necessário lembrar que a experiência psicanalítica indica o primado da análise pessoal sobre o estudo universitário, na formação do psicanalista.

O ensino da psicanálise não pode ser massificado e nem regulado por nenhum estatuto social aberto. A via privilegiada de uma formação psicanalítica é o divã. Para exercer a função de psicanalista é fundamental que o sujeito saiba de si mesmo, submetendo-se a uma análise. A formação teórico-prática virá em seguida.

(CONTRA-CAPA)

...se o leitor está interessado em se tornar psicanalista, deve recorrer aos ensinamentos de Déborah Pimentel contido neste volume. Nele descobrirá que a teoria freudiana tem uma semelhança com o aprendizado da arte: ninguém ensina, mas algumas pessoas aprendem.

Carlos Perktold - Membro do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, editor das revistas *Estudos de Psicanálise* do Círculo Brasileiro de Psicanálise e *Reverso*, do CPMG.

Em linguagem de fácil acesso, Déborah Pimentel demonstra seus conhecimentos, expõe suas dúvidas e confirma suas certezas nos caminhos que percorre.

Clóvis Figueiredo Sette Bicalho - Presidente do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.

(orelha da capa)

Déborah Pimentel, companheira de jornadas visando à transmissão da psicanálise, fundadora do Círculo Psicanalítico de Sergipe, comemora, com a edição deste volume, seus 15 anos de atividade como psicanalista. Nada mais apropriado que presentear, no próprio aniversário, a cidade que nos dá tanto durante o ano. E que presente! Eventuais candidatos a psicanalista conhecerão os árduos caminhos a percorrer para se chegar onde Déborah já se encontra. Os leigos terão as informações seguras do percurso que o psicanalista faz até chegar a compreender este requinte intelectual criado por Freud e, a partir daí e no consultório, elaborar uma construção psicanalítica que poderá tirá-lo do lugar no qual vem “patinando”. Em linguagem de fácil acesso, Déborah Pimentel demonstra seus conhecimentos, expõe suas dúvidas e confirma suas certezas nos caminhos que percorre. Seu livro chega no momento em que a psicanálise corre alguns riscos jurídicos com a possibilidade de vir a ser uma profissão regulamentada pelo Estado. O jogo de interesse e as imposições políticas nesse sentido são insuportáveis aos políticos de plantão e eles cederão. Caberá a todos nós como profissionais e às instituições como o Círculo presidido por Déborah Pimentel, fornecer aos congressistas a clareza necessária para que a tragédia dessa regulamentação seja menor que aquela causada pelas neuroses individuais. A leitura deste volume por certo é uma contribuição aos eventuais redatores da legislação que virá.

Parabéns para Aracaju que tem nessa filha ilustre a ratificação do quanto o Nordeste tem de guerreiro neste Brasil de lutadores.

Clóvis Figueiredo Sette Bicalho

Psicanalista em Belo Horizonte.

Presidente do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.

Déborah Pimentel é imortal da Academia Sergipana de Medicina, psicanalista, fundadora e presidente do Círculo Psicanalítico de Sergipe, vice-presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise e filiada à International Federation of Psychoanalytic Societies. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Sergipe. Pesquisadora do Grupo de Estudos Teóricos, Práticos, Históricos e Culturais em Saúde, na linha de pesquisa Saúde Mental.